

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

CARLOS HENRIQUE SADERIO GALAVERNA

**UM ESTUDO COM EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO EM
ELETROTÉCNICA DA ETEC JARAGUÁ**

Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade

SÃO PAULO

2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

CARLOS HENRIQUE SADERIO GALAVERNA

**UM ESTUDO COM EGRESSOS DO CURSO TÉCNICO EM
ELETROTÉCNICA DA ETEC JARAGUÁ**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação da Prof. Dr. Leda Maria de Oliveira Rodrigues.

SÃO PAULO

2023

Banca Examinadora

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (Fundasp), à qual agradeço por todo estímulo durante o período de realização do Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Esta jornada de dissertação não foi uma caminhada solitária, mas uma jornada repleta de apoio e amor que moldou o meu caminho. Hoje, diante desta publicação, onde minhas palavras se tornam mais do que meras palavras, eu agradeço:

À minha vó e mãe, que estiveram ao meu lado desde o começo, vocês foram meu alicerce. Suas palavras de encorajamento e o apoio incondicional me deram a força para seguir em frente, mesmo quando os desafios pareciam insuperáveis.

À minha amada companheira, você iluminou cada dia desta jornada com seu sorriso, amor e compreensão. Você esteve ao meu lado nos momentos de dúvida e celebrou comigo nas conquistas. Sua presença tornou tudo mais significativo, e eu sou profundamente grato por tê-la na minha vida.

À minha orientadora, cuja sabedoria e orientação me guiaram nessa jornada acadêmica, não tenho palavras suficientes para expressar minha gratidão. Sua paciência, seu incentivo e sua expertise foram fundamentais para o meu sucesso, e eu sempre vou lembrar da sua influência positiva na minha vida.

A todos os professores que não apenas passaram pela minha trajetória educacional, mas que contribuíram ativamente cada um à sua maneira, na construção da minha identidade, por meio do exercício da docência.

À assistente de coordenação, um agradecimento especial, por sempre apoiar e trabalhar em prol dos seus alunos, promovendo o desenvolvimento pessoal e educacional.

Aos meus amigos, que sempre estiveram lá para me apoiar, a amizade e camaradagem me deram a energia para continuar avançando. Cada conversa, risada e gesto de carinho foram um lembrete constante do valor dos verdadeiros amigos.

Nesta jornada de dissertação, aprendi que o apoio e o amor daqueles que nos cercam são um tesouro inestimável. Esta conquista não é apenas minha, mas também de todos vocês que estiveram ao meu lado. Obrigado por fazerem parte da minha jornada e por me ajudarem a alcançar este momento tão especial.

Que continuemos a enfrentar os desafios da vida com coragem, amor e empatia, em homenagem àqueles que não podem estar conosco hoje. Que possamos continuar a construir um mundo melhor, onde a educação e a compaixão prevaleçam sobre todas as adversidades.

Meus sinceros agradecimentos e eterna gratidão.

Galaverna, C. H. S. Um estudo com egressos do curso técnico em eletrotécnica da Etec Jaraguá. Dissertação de Mestrado em Educação. Programa de Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2023.

RESUMO

Esta pesquisa teve por objetivo investigar as razões que levaram um grupo de ex-alunos do Ensino Técnico Profissional (Etec) do Centro Paulo Souza a optarem pelo curso em eletrotécnica na Etec Jaraguá, escola localizada na periferia de São Paulo, além de verificar – dez anos após suas formaturas – se as expectativas profissionais foram atendidas. Na investigação dos condicionantes que incidiram no processo de “escolha” dos sujeitos pesquisados, empregamos os conceitos de capital econômico, cultural e social propostos por Bourdieu (1998). Partimos da hipótese de que as condições econômicas, as práticas familiares e as trajetórias sociais e educacionais das famílias exerceram influência na decisão dos indivíduos. Para explicar a estratégia educacional dos estudantes no espaço social, empregamos as concepções de classificação, reclassificação e desclassificação (Bourdieu, 1998). A coleta de dados ocorreu em duas etapas: primeiramente, através do emprego de um questionário socioeconômico, buscando com ele caracterizar o capital econômico, cultural e social dos pesquisados. Na segunda etapa, realizamos entrevistas para averiguar o modo de transmissão do capital cultural e como este influenciou na opção pelo curso técnico em eletrotécnica. Ao remontar a trajetória social dos egressos, os dados revelaram que a baixa aquisição de capitais os impossibilitou de realizar uma “escolha” plenamente consciente pelo curso. Essa opção decorreu de uma estratégia que objetivava a rápida inserção no mercado de trabalho a fim de custear o ensino superior, objetivo esse inalcançado por parte significativa dos pesquisados.

Palavras-chave: Centro Paula Souza; formação técnica obrigatória; classes populares; entrada no mercado de trabalho; ensino superior ainda almejado; trajetória social.

Galaverna, C. H. S. A study with graduates of the technical course in electrical engineering at Etec Jaraguá. Master's Dissertation in Education. Education Program: History, Politics, Society. Pontifical Catholic University of São Paulo. São Paulo, 2023.

ABSTRACT

This research aimed to investigate the reasons that led a group of former students of Professional Technical Education (Etec) at Centro Paula Souza to choose the electrical engineering course at Etec Jaraguá, a school located on the outskirts of São Paulo, in addition to verifying – ten years after graduation – whether professional expectations were met. In investigating the conditions that influenced the process of “choosing” the researched subjects, we used the concepts of economic, cultural and social capital proposed by Bourdieu (1998). We start from the hypothesis that economic conditions, family practices and families' social and educational trajectories influenced individuals' decisions. To explain students' educational strategy in the social space, we employ the concepts of classification, reclassification and declassification (Bourdieu, 1998). Data collection occurred in two stages: firstly, through the use of a socioeconomic questionnaire, seeking to characterize the economic, cultural and social capital of those surveyed. In the second stage, we carried out interviews to investigate the mode of transmission of cultural capital and how this influenced the option for a technical course in electrical engineering. When retracing the social trajectory of the graduates, the data revealed that the low acquisition of capital made it impossible for them to make a fully conscious “choice” for the course. This option resulted from a strategy that aimed to quickly enter the job market in order to pay for higher education, an objective that was not achieved by a significant portion of those surveyed.

Keywords: Centro Paula Souza; mandatory technical training; popular classes; entry into the job market; higher education still desired; social trajectory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I. BREVE HISTÓRICO DO ENSINO PROFISSIONAL NO BRASIL E EM SÃO PAULO	18
1.1. O surgimento do ensino profissional e seu caráter assistencialista.....	18
1.2. Políticas públicas e valorização do ensino profissionalizante em detrimento da educação propedêutica.....	19
1.3. A criação do CEETEPS.....	22
1.4. A significativa expansão do Centro Paula Souza.....	24
1.5. Características da Escola Técnica Estadual do Jaraguá.....	25
1.6. Características do curso técnico em eletrotécnica.....	26
1.7. A influência do neoliberalismo no campo do ensino técnico.....	27
CAPÍTULO II. BASE TEÓRICA DA PESQUISA – CONCEITOS DE BOURDIEU	30
2.1. Espaço social, campo, <i>habitus</i> e poder simbólico.....	30
2.2. Capital econômico, cultural e social.....	33
2.3. Classificação, reclassificação e desclassificação.....	35
2.4. Trajetórias dos indivíduos na “escolha” do ensino técnico.....	36
2.5. Hipótese.....	38
CAPÍTULO III. PASSOS DA PESQUISA – PROCEDIMENTOS	39
3.1. Questionário socioeconômico.....	40
3.2. Entrevista.....	41
CAPÍTULO IV. TRAJETÓRIAS SOCIAL E EDUCACIONAL DOS AGENTES	42
4.1. Características pessoais e renda.....	42
4.1.1. Características familiares e renda.....	46
4.1.2. Características socioculturais.....	49
4.2. Das entrevistas.....	52

4.2.1. Trajetória de A.....	52
4.2.2. Trajetória de B.....	55
4.2.3. Trajetória de C.....	58
4.2.4. Trajetória de D.....	61
4.2.5. Trajetória de E.....	63
4.2.6. Trajetória de F.....	66
4.2.7. Trajetória de G.....	69
4.2.8. Trajetória de H.....	72
4.2.9. Trajetória de I.....	75
4.2.10. Trajetória de J.....	77
4.3. Família e educação.....	80
4.4. “Escolha” do curso.....	82
4.5. “Escolha” da instituição.....	86
4.6. Expectativas profissionais	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS.....	93
ANEXOS.....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos.....	38
Tabela 2 – Renda familiar mensal dos sujeitos.....	39
Tabela 3 – Escolaridade dos sujeitos, seus familiares e renda familiar mensal.....	41
Tabela 4 – Ocupação dos sujeitos, seus familiares e renda familiar mensal.....	42
Tabela 5 – Hábitos, capital cultural e social dos sujeitos.....	44
Tabela 6 – Atividades culturais dos sujeitos.....	45

LISTA DE ABREVIATURAS

BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BNCC: Base Nacional Comum Curricular
CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEET: Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo
CEETEPS: Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo
CPS: Centro Paula Souza
EAD: Educação a Distância
Etecs: Escolas Técnicas Estaduais
Fatecs: Faculdades de Tecnologia de São Paulo
FECAP: Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado
FHC: Fernando Henrique Cardoso
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES: Instituição de Ensino Superior
LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC: Ministério da Educação
MTEC: Ensino Médio Integrado ao Técnico
PPG: Planos Plurianuais de Gestão
PRONATEC: Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PUCSP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SEE: Secretaria Estadual de Educação
SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
TEC: Técnico
UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema desta pesquisa está relacionado às minhas experiências pessoais como ex-aluno do ensino técnico em eletrotécnica do Centro Paula Souza, na periferia de São Paulo. Essa vivência me despertou preocupações em relação às “escolhas”¹ de jovens oriundos de classes populares, que optam por essa modalidade de ensino. Quais são as motivações e as expectativas dos alunos pertencentes a essas classes quanto ao ingresso no curso técnico em eletrotécnica, isto é, como é despertado esse interesse em sujeitos desta estratificação social? Suas expectativas são atendidas anos após suas formações?

O desenvolvimento do senso crítico, propiciado pela graduação em história, trouxe-me profundas reflexões e questionamentos acerca da educação brasileira. Motivado pela aquisição de mais conhecimento e na busca de respostas estruturadas de forma científica, encontrei o curso de pós-graduação em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, através do qual pude adquirir uma visão sociológica da educação nacional, em especial do ensino profissionalizante, o que culminou no desenvolvimento desta pesquisa.

O Centro Paula Souza é uma autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação. Encontra-se presente em 363 dos 645 municípios do Estado, atendendo um total de 316 mil alunos entre cursos técnicos de nível médio e superior tecnológico. Só as Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) atendem mais de 226 mil estudantes através dos seus 216 cursos técnicos, voltados aos setores produtivos públicos e privados (São Paulo, 2021).

O ensino técnico das Etecs destina-se a indivíduos a partir do 2º ano do ensino médio, fazendo com que muitos jovens do estado de São Paulo realizem o seu primeiro contato com as escolas técnicas, impondo-os à complexa “escolha” de ingressar num curso profissionalizante, situação que acaba sendo ainda mais complexa para os jovens oriundos de camadas populares. O que leva esses jovens, menos favorecidos economicamente, a tomarem essa decisão?

Partindo das minhas inquietações, buscamos pesquisar mais sobre o tema através de estudos já realizadas e o que atualmente tem sido investigado. Por meio de consultas ao site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o site da Coordenação de

¹ Neste trabalho todos os termos relacionados a “escolha” estão entre aspas, pois para Bourdieu (2002), autor que trabalha com esse tema, as escolhas acontecem através de esquemas de pensamento e de ação, que se constituem no processo de socialização que cada indivíduo passa, já que vivemos em um mundo dividido em frações de classes fortemente demarcadas. Assim, desvinculamos o conceito banal e esvaziado usualmente aplicado a essa palavra.

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ambas realizadas em 2021, verificamos que, nos últimos 20 anos, diversos estudos foram realizados na tentativa de auxiliar a compreensão sobre as “escolhas” de trajetórias educacionais e profissionais realizadas por jovens. Essas “escolhas” se inserem na trajetória escolar dos indivíduos como um importante passo do percurso profissional, representando uma fronteira da constituição de suas identidades profissionais com a inserção no mundo adulto e produtivo. Portanto, essa “escolha” é uma temática própria da área do trabalho e da educação (Araújo; Teodoro, 2005).

Essas “escolhas” constituem-se numa das decisões mais importantes e complexas na vida desses jovens, porque implica decidir o que fazer no futuro. Ao escolher uma ocupação, o sujeito define, sobretudo, um modo de vida, sua futura rotina de trabalho, as pessoas com quem irá se relacionar, o lugar e as atividades que irá desempenhar (Neiva, 2013).

A “escolha” pela carreira torna-se ainda mais delicada se somada aos desafios da juventude, pois o adolescente ainda pouco conhece das suas aptidões e habilidades, sendo seu contato com as profissões e os diferentes setores de trabalho ainda muito restrito, bem como suas possibilidades práticas de desenvolvimento de realização pessoal, social e econômica (Levisky, 1998).

Soares (2002) observou que entre os jovens de classe média e alta, em geral, é possível notar uma grande expectativa em ingressar no ensino superior. Para eles, parece não haver outra forma de profissionalização e inserção no mercado de trabalho, principalmente porque em nossa sociedade, culturalmente, o fato do jovem não cursar uma universidade é sinônimo de desperdício de capacidade e de inteligência, sobretudo, quando a família possui recursos para pagar os estudos.

Sparta e Gomes (2005) realizaram uma pesquisa com 659 jovens do terceiro ano do ensino médio de diferentes escolas públicas e particulares de Porto Alegre (RS), com a finalidade de investigar qual era a importância atribuída, por eles, ao ingresso na educação superior. Os resultados indicaram que os alunos de escolas particulares prestariam massivamente (95,4%) o vestibular (concurso eliminatório que dá acesso ao ensino superior). Embora os alunos de escola pública também tenham preconizado maior frequência para o vestibular (77%), eles indicaram as maiores concentrações em “escolhas” por cursinhos preparatórios para vestibular, cursos profissionalizantes e ingresso no mercado de trabalho.

Tal resultado está diretamente relacionado ao desenvolvimento histórico do ensino médio e da educação profissionalizante e superior no Brasil, e alerta para o quanto esse aspecto pode comprometer o comportamento exploratório vocacional e o desenvolvimento de projetos

profissionais entre os jovens. O estudo realizado por Bastos (2005) complementa as autoras acima, concluindo que os jovens de classe popular possuem certa limitação na liberdade de “escolha” profissional, devido a determinantes socioeconômicos que acabam levando-os a optarem pelo trabalho em detrimento dos estudos.

Ribeiro (2003) realizou um estudo para identificar quais são as demandas de orientação profissional por parte de estudantes do ensino médio de escolas públicas de São Paulo e concluiu que os jovens procuravam, em sua maioria, uma orientação em relação à inserção profissional imediata no mercado de trabalho e buscavam auxílio para o planejamento do projeto de vida profissional, o que demonstra as aspirações desses jovens pelo trabalho e a carência de informação e de planejamento profissional.

Apesar da educação profissional não garantir a certeza de um emprego, os cursos técnicos de nível médio têm se configurado como uma opção para aqueles que desejam integrar-se rapidamente ao mercado de trabalho. Além de subsidiar o conhecimento técnico específico para a área de formação que garanta uma função no mercado de trabalho, a educação profissional deve preparar o estudante para permanecer nesse mercado, tornando-o apto a se desenvolver de maneira competitiva (Geremia, 2017).

Pesquisas realizadas com alunos de escolas técnicas por Culhari (2010) e Stefanini (2008) em São Paulo, e por Alves (2015) em Minas Gerais, evidenciaram que as “escolhas” por essa modalidade de ensino, por grande parte dos estudantes, foram pautadas pela possibilidade de inserção no mercado de trabalho durante ou logo após o término do curso, privilegiando o trabalho imediato em vez de longos anos de estudo. Tal dado demonstra que o ensino técnico assume um caráter de facilitador de inserção no mercado de trabalho. Já outra parte significativa dos pesquisados justificaram suas “escolhas” como uma busca pela independência financeira para que, posteriormente, pudessem custear o ensino superior.

Nogueira (1998) analisou a relação entre família e escola e a dificuldade em definir o “melhor” estabelecimento de ensino para os filhos. Para a autora as famílias dos diferentes meios sociais são desigualmente equipadas para exercer a “boa escolha”, e os critérios utilizados no ato da decisão variam de acordo com o meio social: “[...] as modalidades e critérios de “escolha” do estabelecimento dependem de uma série de fatores, [...] todos eles correlacionados com o nível sociocultural da família” (Nogueira, 1998, p. 53).

Por sua vez, Basso (2014) – visando compreender os aspectos pessoais e contextuais da permanência de estudantes da área da tecnologia da informação em cursos técnicos do

PRONATEC SENAI/SC – evidenciou que o apoio familiar se destaca como determinante para as “escolhas” dos jovens.

Observamos que, por vezes, a educação técnica profissional parece se manter como um sistema de ensino que desempenha uma função tradicional de seleção e reprodução de estruturas sociais. Segundo Kuenzer (2007), ao longo da história, as exigências de trabalhadores cada vez mais adaptáveis aos novos métodos de produção fomentaram uma divisão social do trabalho, fragmentando-o entre trabalho instrumental e intelectual, no qual a oferta de ensino das escolas passou a se diferenciar segundo a classe social que se propunha formar: trabalhadores (ensino profissionalizante) ou burgueses (ensino superior). É neste contexto que as instituições de formação profissional e de formação acadêmica contribuem para a intensificação das diferenças de classes, à medida que o acesso à formação de nível superior é limitado e difícil para as classes populares. Nesse sentido, a educação profissionalizante direcionada quase que exclusivamente aos menos favorecidos evidencia uma característica de reprodução social em vez de mobilidade nesta forma de ensino.

As pressões sociais, econômicas e, muitas vezes, familiares acabam direcionando os menos favorecidos à rápida inserção no mercado de trabalho, o que os faz priorizar outras formas de ensino, como o ensino técnico. Este coloca diante dos jovens “escolhas” de carreira profissional que podem gerar inúmeros descontentamentos e frustrações, tornando-os mais suscetíveis à “escolhas” profissionais equivocadas e até mesmo ao abandono escolar.

Dentre as inúmeras variedades de resultados uma constante pode ser observada: os membros pertencentes às classes mais altas, em geral, valorizam o ingresso no ensino superior, considerando esta a melhor forma de profissionalização e inserção no mercado de trabalho. Por sua vez, os jovens de classes populares, e que possuem maiores limitações socioeconômicas, acabam sendo levados à formas de educação que os insiram mais rapidamente no mercado de trabalho, como os cursos técnicos, ou ainda abandonam os estudos para focar somente no trabalho. Tal dinâmica compromete o comportamento vocacional e o desenvolvimento de projetos educacionais e profissionais dos jovens, sobretudo os mais pobres, contribuindo para a permanência ou o agravamento das desigualdades sociais. A partir do levantamento de pesquisas já realizadas, tivemos maior convicção da importância em desenvolver esta pesquisa, e assim, poder contribuir com mais uma investigação científica a respeito do tema.

De acordo com Nogueira e Nogueira (2004), segundo a perspectiva de Bourdieu, o capital cultural desempenha um papel crucial na determinação do destino educacional, principalmente em sua forma incorporada, como um legado familiar significativo. Além disso,

Bourdieu também enfatiza que o volume desse capital cultural desempenha um papel fundamental ao facilitar ou dificultar a aquisição de conhecimentos e habilidades (intelectuais, linguísticas, disciplinares) necessárias para o sucesso escolar.

É importante ressaltar que o volume de capital cultural desempenha um papel fundamental na formulação de estratégias e tomada de decisões ao longo da vida de um indivíduo, especialmente em momentos cruciais, como a “escolha” da educação superior (Bourdieu, 1998).

Problema

Diante de todo contexto acima apresentado e tendo em vista que todos os anos milhares de jovens do Estado de São Paulo realizam o seu primeiro contato com as escolas técnicas do Centro Paula Souza, prospectamos o **problema** central desta pesquisa: quais são os motivos que levam jovens, oriundos das camadas populares a buscarem o ensino técnico em eletrotécnica? Suas expectativas profissionais são atendidas após uma década de formação?

Com a finalidade de compreendermos essa problemática, optamos por analisar a trajetória social e educacional individual dos pesquisados através dos conceitos de capitais de Bourdieu (1998), para identificar as razões desta “escolha” e pelas concepções de classificação, reclassificação e desclassificação, a fim de entender qual foi a estratégia adotada para essa decisão.

Objetivo geral

O **objetivo geral** desta pesquisa é conhecer as razões para “escolher” o curso técnico de eletrotécnica na Etec Jaraguá, uma unidade do Centro Paula Souza. Queremos investigar os motivos dessa “escolha” por um grupo de jovens das classes populares. Para isso buscamos caracterizar um grupo de ex-alunos, que frequentou o ensino técnico de 2010 a 2012, e conhecer as razões que os levaram a optar pelo curso.

Objetivos específicos

1) Identificar com o grupo de egressos do curso técnico em eletrotécnica como as práticas familiares, sociais, escolares e os bens culturais podem reverter-se em razões para a “escolha” deste curso na unidade Jaraguá do Centro Paula Souza;

2) Relacionar elementos do contexto social e político que levaram esses indivíduos a optarem pela formação de nível técnico;

3) Verificar se as expectativas profissionais dos egressos foram atendidas dez anos após a conclusão do curso.

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, a saber: o primeiro, sob o título “Breve histórico do ensino profissional no Brasil e em São Paulo”, no qual apresentamos um sucinto retrospecto histórico da educação profissionalizante no Brasil e no estado de São Paulo até a fundação do Centro Paula Souza. Abordamos as principais características da instituição, da unidade Etec Jaraguá e do curso técnico em eletrotécnica.

O segundo capítulo, intitulado “Referencial teórico”, trata dos conceitos teóricos que utilizaremos como norteadores para a análise dos dados obtidos nesta pesquisa e revela a hipótese do trabalho.

No terceiro capítulo, denominado “Procedimentos de pesquisa”, apresentamos os instrumentos de pesquisa empregados com o intuito de explicar as razões que levaram o grupo de egressos a escolher o curso técnico.

E no quarto e último capítulo, “Análise”, estão os estudos obtidos com os dados encontrados a partir do questionário socioeconômico e a entrevista estruturada, articulando-os com os conceitos teóricos de Bourdieu. Assim, pudemos reconstituir as trajetórias dos dez egressos até a “escolha” do curso técnico com o propósito de responder ao problema central da pesquisa.

CAPÍTULO I – BREVE HISTÓRICO DO ENSINO PROFISSIONAL NO BRASIL E EM SÃO PAULO

Neste capítulo apresentaremos um breve histórico do ensino profissional no Brasil, articuladamente com o seu desenvolvimento no estado de São Paulo. Abordaremos a criação do Centro Paula Souza e, em seguida, apresentaremos algumas características da escola técnica estadual do Jaraguá e do curso técnico em eletrotécnica. Por fim, revelamos a forte influência do neoliberalismo nessa modalidade de ensino nas últimas décadas.

1.1 O surgimento do ensino profissional e seu caráter assistencialista

A educação brasileira carrega em suas entranhas a dualidade entre a educação para a cidadania e a educação para o trabalho. Desde a colonização o enfoque jesuítico na herança cultural da antiguidade clássica considerou o trabalho manual indigno ao homem livre, distanciando e isentando os filhos de colonos dos trabalhos físicos, à medida que atribuía aos escravos os trabalhos manuais (Cunha, 2000a). As escolas profissionais surgem no Brasil estigmatizadas pelo trabalho e destinadas às classes populares, assim como eram, até então, as escolas artesanais, providas de um forte caráter assistencialista e compensatório, enquanto a educação propedêutica, de caráter acadêmico, destinava-se apenas às elites.

Segundo Garcia (2000), o ensino profissional no Brasil tem como marco inicial o decreto de D. João VI em 1809, que deu origem à primeira instituição instalada pelo poder público com o objetivo de atender à educação dos artistas e aprendizes vindos de Portugal, denominado “Colégio das Fábricas”. Conforme aponta Rizzini (2004), o caráter assistencialista da educação profissional surge tão logo quanto sua implementação, sobretudo a partir de 1840, quando foram construídas dez “Casas de Educandos e Artífices”, com o propósito de diminuir os índices de criminalidade. Atendiam meninos carentes e abandonados, promoviam formação moral e iniciação profissional. A conclusão da formação concedia aos indivíduos trabalhos em oficinas de carpintaria, marcenaria, alfaiataria etc. Dessa forma, esses estabelecimentos passaram a ter grande procura pelos mais pobres, numa busca por garantia de alimentação, da conquista de uma profissão e um futuro promissor.

Durante a segunda metade do século XIX surgiram por diversos estados brasileiros instituições denominadas “Sociedades Propagadoras da Instrução Popular”, organizadas pela sociedade civil, burocratas, fazendeiros e comerciantes da época. Tinham como objetivo ofertar cursos de artes e ofícios aos filhos de camponeses e operários. O ensino era prático e teórico

com intuito de preparar operários e trabalhadores para oficinas, comércios e lavouras (MEC, 2000).

É nesse contexto, conforme aponta Anerides (2011), que em 1873 foi criado em São Paulo, por um grupo de aristocratas pertencentes à elite cafeeira nacional, o “Liceu de Artes e Ofícios”. Como havia poucas escolas primárias e secundárias no estado, o liceu destacou-se rapidamente ao oferecer cursos gratuitos no período noturno (caligrafia, gramática e aritmética). Atendendo, sobretudo, a população menos favorecida.

Como podemos observar foi o contexto brasileiro de extrema carência social, que impulsionou o surgimento e o desenvolvimento de diversas instituições conservadoras, que tinham como objetivo atender os jovens das camadas mais pobres, proporcionando-lhes minimamente uma educação voltada ao trabalho. Esta prática assistencialista, da qual a educação profissional jamais conseguiria se livrar completamente, acabou tendo grande aderência na sociedade, devido às fragilidades vividas pelas populações menos favorecidas.

1.2 Políticas públicas e valorização do ensino profissionalizante em detrimento da educação propedêutica

No início do século XX o governo federal criou o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, marcando a primeira ação direta para estabelecer uma política nacional de educação profissional no Brasil. Isso resultou na criação das "Escolas de Aprendizes Artífices" em diversos estados do país, em uma abordagem ainda conservadora que enfatizava a moralização por meio do trabalho e da educação para a indústria. Em São Paulo o Ministério impulsiona a criação de escolas comerciais privadas, lideradas pela "Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP)" (Anerides, 2011).

A década de 1930 marca a entrada do Brasil no mundo capitalista produtivo após a crise econômica global de 1929. A nova realidade exigia mão de obra qualificada e maiores investimentos na educação. Até então, a formação profissional estava separada da educação convencional, com indústrias baseadas principalmente em manufaturas (Monteiro, 2011). A ascensão de Getúlio Vargas ao poder e a posterior criação do Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública resultaram na Reforma Francisco Campos, em 1931, que estabeleceu o Conselho Nacional de Educação, propiciando através de Decretos Federais² a organização do

² Os Decretos Federais nº 19.890/31 e 21.241/31 regulamentaram o ensino secundário e o Decreto Federal nº 20.158/31 regulamentou o ensino profissional comercial.

ensino secundário e o ensino profissional comercial, propagando a ideia e a estruturação de cursos de profissionalização no ensino básico (Romanelli, 1978).

Para Aneridis (2011) a assinatura do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, evidencia como a discussão sobre a "educação" estava efervescente nessa época. Intelectuais de diversas ideologias, tais como Anísio Teixeira, Cecília Meireles e Roquette Pinto, uniram-se para criar um projeto de renovação educacional no Brasil. O manifesto defendia uma escola pública, que fosse laica, obrigatória e gratuita, sob responsabilidade estatal, que integrasse cultura e trabalho para proporcionar igualdade de oportunidades e acesso à cultura a todos.

Visto como o marco inicial da construção do campo educacional brasileiro, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, faz uma defesa veemente daquele que seria o principal ponto para a construção democrática de um sistema educacional para o Brasil – a educação secundária. A intenção do Manifesto era garantir que a educação secundária deixasse de ser um fator de diferenciação social e, ainda, conseguir o mesmo nível de qualidade tanto para a educação profissional (que seria principalmente manual ou mecânica) e a educação científica ou humanista (majoritariamente intelectual) (MEC, 2007, p. 12).

O movimento gerou frutos e influenciou a constituição de 1934 que, entre outras coisas, estabeleceu a responsabilidade da União em traçar as diretrizes para uma educação nacional e elaborar um Plano Nacional de Educação (Cunha, 2004b).

Em 1942, ainda no contexto da ditadura varguista, teve início a Reforma Capanema, sob o comando de Gustavo Capanema, então Ministro da Educação e Saúde, com a promulgação de “Leis Orgânicas da Educação Nacional”, que resultaram na abordagem isolada de cada ramo educacional, sem conexão entre eles. A reforma favoreceu grupos políticos específicos priorizando as classes empresariais em detrimento das camadas mais desfavorecidas. O acesso ao ensino superior a partir dos cursos técnicos industriais, agrícolas e comerciais ficou restrito à carreiras diretamente relacionadas a essas áreas, aprofundando o sistema educacional dualista entre o que formava intelectuais (secundário e superior) e trabalhadores (ensino primário e profissional) (Manfredi, 2002).

Com a reconstitucionalização do país, após a ditadura varguista, a dualidade na educação foi sendo quebrada. Inicialmente com a promulgada “Leis de equivalência”, em 1950, que marca a primeira lei que estabelece valores iguais entre curso básico industrial e o curso ginásial secundário para o ingresso nos cursos secundários. E, posteriormente, com a sanção da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei N° 4.024/1961, que tornou equivalentes todos os ciclos e ramos do ensino médio, para efeito propedêutico, reconhecendo

a integração completa do ensino profissional ao sistema regular de ensino para fins de prosseguimento nos estudos (Cunha, 2000c).

A partir de 1964, com a ditadura civil-militar em curso, as camadas médias da população passaram a reivindicar a ampliação de vagas no ensino superior como mecanismo de ascensão social. As vagas para o ensino superior público passaram a crescer menos do que sua demanda, enquanto ocorria o aumento de vagas nas escolas superiores privadas. A insatisfação de candidatos aprovados nos exames vestibulares que acabavam não sendo admitidos no ensino superior público aumentava e gerava manifestações até culminar em uma crise em 1968 (Cunha, 2000d).

No início de 1968 o Governo Federal criou um Grupo de Trabalho para reformar a Universidade Brasileira. Após análises o Grupo de Trabalho considerou necessário, dentre outras coisas, “corrigir as distorções do ensino médio, que atualmente levam um número excessivo de técnicos de nível médio a procurar acesso ao ensino superior, cuja demanda fica, assim, consideravelmente agravada” (BRASIL, 1983, p. 50). O relatório identificou “desarticulações entre a escola média e a superior”, estando a “oferta de oportunidades em nível universitário longe de alcançar a relação que deve haver entre esse e o nível médio” (BRASIL, 1983, p. 28). Assim, o Grupo de Trabalho sugere a instalação do

[...] ginásio comum, enriquecido por “sondagem e desenvolvimento de aptidões para o trabalho”, e o colégio integrado em que os diversos tipos de formação especial e profissional, tornados obrigatórios, se assentem sobre a base de “estudos gerais” para todos. Estes, além da importância que têm em si mesmos, levam os mais capazes à Universidade; aqueles predispõem ao exercício de ocupações úteis, evitando a marginalização dos que encerram a vida escolar ao nível do segundo grau. É o primeiro dispositivo de absorção que se imagina (BRASIL, 1983, p. 29).

O resultado influenciou a modificação de parte da LDB, de 1961, com a criação da Lei Nº 5.692/1971, que instaurou a profissionalização compulsória, passando a habilitar o ensino secundário como nível profissional. A tentativa era de conter as demandas do ensino superior através da profissionalização obrigatória, pretendia-se diminuir os protestos por mais vagas e mais verbas para as universidades públicas, evitando a frustração de muitos profissionais que, apesar de sua formação em nível superior, não conseguiam ingressar no mercado de trabalho e reduzir os gastos públicos com financiamento de universidades (Cunha, 2000d).

Como podemos observar, nesse momento a educação profissional passa a ter um aumento significativo de destaque em função das mudanças sociais, econômicas e industriais. Nesse período as políticas adotadas foram de aumentar a dualidade entre a educação propedêutica e a educação profissional. Para Romanelli (1978) a estratégia era a de que o

indivíduo adquirisse uma profissão, antes de conseguir ingressar na universidade, assim o potencial candidato deixaria de lutar pela aquisição de uma profissão que, na maioria dos casos, só era obtida através do curso superior. E é neste contexto que surgiu, em São Paulo, o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

1.3 A criação do CEETEPS

O Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEETEPS) foi criado como autarquia através da publicação do Decreto-Lei de 6 de outubro de 1969³, pelo governador Roberto Carlos de Abreu Sodré (1967-1971). Tendo sido rebatizado, posteriormente, como Centro Paula Souza, em homenagem ao professor. A instituição surge administrativamente vinculado à Secretaria Estadual de Educação (SEE) e financeiramente à Secretaria da Fazenda, tendo por objetivo a “articulação, a realização e o desenvolvimento da educação tecnológica, nos graus de ensino médio e superior”, a ele cabendo:

I – incentivar ou ministrar cursos de especialidades correspondentes às necessidades e características dos mercados de trabalho nacional e regional, promovendo experiências e novas modalidades educacionais, pedagógicas e didáticas, bem assim o seu entrosamento com o trabalho; II – formar pessoal docente destinado ao ensino técnico, em seus vários ramos e graus, em cooperação com as universidades e institutos isolados de ensino superior que mantenham cursos correspondentes de graduação de professores; III – desenvolver outras atividades que possam contribuir para a consecução de seus objetivos (artigo 2º, *caput*, in SÃO PAULO, 1969a).

Para Algebaile (2009) a criação ocorrida durante a reforma universitária é parte complementar do movimento, e contribui para instauração da profissionalização do ensino médio.

Essa política, por si só, formava uma nova dualidade. A ênfase do ensino na profissionalização teria efeitos diversos para as diferentes classes sociais. De um lado, não chegaria a afetar substancialmente as expectativas de formação escolar das classes médias e altas, que continuariam a se dirigir para a formação superior. De outro, afetaria as classes populares de um modo mais ideológico, reforçando o mito da ascensão social por meio de uma educação orientada para a empregabilidade. Para essas classes, a ideia de profissionalização promoveria uma forma de ‘integração’ que se daria não por uma preparação efetiva para o trabalho, muito menos por uma alteração significativa nas condições de ingresso no mercado, mas pela ativação ‘regulada’ da expectativa desse ingresso. Em outras palavras, não era a inserção efetiva nas formas mais protegidas e qualificadas de trabalho que garantiria a ‘coesão

³ O Decreto-Lei de 06 de outubro de 1969 cria como entidade autárquica o Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo e dá providências correlatas, no regime de exceção instaurado no Estado de São Paulo, decorrente da decretação do recesso (intervenção) da Assembleia Legislativa paulista, a partir de 7/2/1969, pelo Ato Adicional nº 47, da mesma data, com base no do artigo 2º do Ato Institucional nº 5, de 13/12/1968. Pelo Ato Institucional, no período de recesso parlamentar decretado, “o Poder Executivo correspondente fica autorizado a legislar em todas as matérias e exercer as atribuições previstas nas Constituições ou na Lei Orgânica dos Municípios”.

social' necessária à continuidade do projeto dominante, mas apenas a expectativa dessa inserção (Algebaile, 2009, p. 170).

Ainda no contexto da reforma universitária, segundo Motoyama (1995), a criação do CEETEPS deve ser entendida para além da estruturação da educação profissional de nível médio; a intenção era iniciar no Brasil uma instituição formadora de técnicos de nível superior, cursos rápidos, de curta duração que, posteriormente, foram denominados de tecnólogo. O objetivo era atender às demandas dos governos municipais, que disputavam a construção de faculdades, para absorver a demanda e atender o crescente setor industrial, que necessitava de formação de mão de obra qualificada.

O ano de 1970 marca o início da operação do Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo (CEET), com três cursos na área de Construção Civil (Movimento de Terra e Pavimentação, Construção de Obras Hidráulicas e Construção de Edifícios) e dois na área de Mecânica (Desenhista Projetista e Oficinas). Foram instaladas as duas primeiras Faculdades de Tecnologia do Estado (Fatecs) nos municípios de Sorocaba e São Paulo. Já em 1971 a Faculdade de Tecnologia de Sorocaba foi incorporada ao CEET. Em 1973 foi anexada à Faculdade de Tecnologia de São Paulo, com isso o CEET passou a se chamar Centro de Educação Técnica e Tecnológica Paula Souza⁴, somando a oferta de 36 cursos técnicos de nível médio (CEETEPS, 2017).

No decorrer dos anos o ensino superior tecnológico, objetivo principal da instituição, passou a coexistir cada vez mais com os tradicionais cursos técnicos, passando a englobar o ensino profissional em nível médio, até acabar se consolidando como uma rede de ensino profissional desvincilhada da secretaria de educação. A partir da década de 1980, durante os mandatos de Paulo Maluf, José Maria Marin e Franco Montoro, foram absorvidas unidades já existentes de ensino profissional e criadas mais unidades pelo Estado. No ano de 1993, durante o mandato de Luiz Antônio Fleury Filho, a rede se consolida de fato, quando praticamente todas as instituições de ensino profissional, tanto da capital quanto do interior de São Paulo, passam a fazer parte da rede paulista de ensino técnico, somando oitenta e quatro (84) escolas técnicas (CEETEPS, 2017).

⁴ Homenagem a Antônio Francisco de Paula Souza, um dos fundadores da Escola Politécnica de São Paulo.

1.4 A significativa expansão do Centro Paula Souza

Ao final da década de 90 foi instituído pela gestão do governo de Fernando Henrique Cardoso a Reforma da Educação Profissional no Brasil, com intuito de aproximar o país da agenda neoliberal, cujas bases foram as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9.394 de 1996, e o Decreto Federal 2.208 de 1997. A reforma institucionalizou novamente a dualidade do ensino no país e contribuiu para o aumento do número de escolas e redes de ensino privadas (Medeiros, 2018).

Neste contexto nacional as escolas técnicas do estado de São Paulo passaram por um grande período sem a ampliação de novas unidades, com exceção da criação de uma unidade de ensino no município de Barretos, durante o mandato de Mário Covas. De 1995 a 2001 nenhuma unidade de ensino técnica foi criada (Marioto, 2020).

Foi somente a partir de 2002 que a rede de escolas técnicas do CPS voltou a se expandir. É o ano que marca a introdução da educação profissional na agenda de políticas públicas do governo estadual. A abertura da janela política ocorre na coincidência da ascensão do vice-governador Geraldo Alckmin ao governo do Estado, em decorrência da morte do então governador Mário Covas (Marioto, 2020).

A partir de 2004, e durante o mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, o Decreto 2.208/97 (instaurado por FHC) foi revogado. O novo decreto, nº 5.154 de 2004, permitiu uma flexibilidade na oferta da educação profissional, permitindo que cada instituição organizasse a modalidade de forma diferenciada. O Estado de São Paulo, entretanto, não mudou sua organização (Souza, 2010).

Em 2006 o CPS foi vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo; neste período já administrava 198 Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) e 50 Faculdades de Tecnologia (Fatecs), distribuídas em 166 municípios paulistas (Marioto, 2020).

Mas a maior ampliação ocorreria a partir de 2006, na gestão do governador José Serra (01/01/2007 a 02/04/2010), que dentre suas “Propostas de Destaque” pretendia “dobrar o número de Faculdades de Tecnologia e criar novas escolas Técnicas para rede estadual Paula Souza”. O plano de expansão foi colocado em prática de 2006 a 2014 e resultou num total de 2.017 Etecs sob a administração do CPS (Serra, 2006, p. 9).

O período correspondente compreende a expansão precarizada da educação técnica no país, a exemplo da interiorização do CEETEPS e da cefetização (referência aos

Institutos Federais de Educação Tecnológica). Levando em conta os dados nacionais, em 2001 havia 462.258 alunos matriculados na educação profissional de nível técnico; em 2009 saltou para 861.114, um crescimento de 86,3%. No ensino médio integrado, em 2005, havia 40,6 mil matrículas; ao passo que em 2009 saltou para 175.831. Mais uma vez o dualismo estrutural na educação. No plano federal, entre Secretaria de Educação Básica e Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Em relação ao Estado de SP, a Secretaria da Educação, responsável pelas escolas estaduais, e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, responsável pelas Escolas Técnicas do CEETEPS. (Torres, 2016, p. 128).

Essa expansão gerou um aumento na demanda de profissionais da educação e medidas administrativas foram tomadas para suprir a necessidade de trabalhadores e de organização do sistema de ensino, o que resultou na precarização da condição de trabalho dos profissionais e, conseqüentemente, da educação técnica da instituição. Foi neste contexto de expansão que a Etec Jaraguá foi construída.

1.5 Características da Escola Técnica Estadual do Jaraguá

Para compor as características dessa unidade e do curso de eletrotécnica ali ofertado, foram analisados seis Planos Plurianuais de Gestão (PPGs), que são documentos dispostos no 2º capítulo do Regimento Comum das Escolas Técnicas do CEETEPS e têm como objetivos explicitar os valores, as crenças e os princípios pedagógicos da escola, bem como um amplo registro de dados administrativos sobre a unidade escolar. O Plano Plurianual de Gestão tem uma vigência de cinco anos e com replanejamento, no mínimo, anual.

A Escola Técnica Estadual Jaraguá foi criada através do Decreto Estadual nº 55.313 – Artigo 1º, de 5 de janeiro de 2010, publicado em 06 de janeiro de 2010 no Diário Oficial do Estado – Poder Executivo – Seção I. Surgiu com a missão de proporcionar conhecimentos humanísticos, tecnológicos e científicos ao aluno, desenvolvendo competências, habilidades e atitudes inerentes ao trabalho e ao mundo social, e com a visão de ser uma escola de excelência, contribuindo na formação de jovens e adultos, tornando-os cidadãos críticos, participativos e éticos (PPG – ETEC JARAGUÁ, 2021).

Atualmente essa unidade atende um total de 1.513 alunos, distribuídos nas seguintes modalidades e cursos: Ensino Médio regular 2º e 3º ano, no período matutino; MTEC/ Novo TEC Integrado de Automação Industrial, matutino; MTEC / Novo TEC Integrado em Segurança do Trabalho, matutino; Técnico em Administração e MTEC de Desenvolvimento de Sistemas, no período vespertino; Técnico em Administração; Logística; Manutenção e Suporte para Computador; Eletrotécnica, noturno; EAD de Comércio; Técnico em Administração, Guia de Turismo, Comércio e Secretariado (EAD – Online); Técnico em Eletrotécnica integrado ao

Ensino Médio, técnico em Logística integrado ao Ensino Médio, com aulas no período integral (PPG – ETEC JARAGUÁ, 2021).

1.6 Características do curso técnico em eletrotécnica

Curso técnico em eletrotécnica⁵ é composto por quatro módulos articulados. Os módulos I e II não comportam terminalidade e são destinados ao desenvolvimento de um conjunto de experiências que têm como objetivo a construção de competências e habilidades que constituirão a base para os módulos subsequentes. Ao cursar os Módulos I, II e III, o aluno conclui a Qualificação Técnica de Nível Médio e obtém a titulação de Auxiliar Técnico em Eletrotécnica. Ao completar os quatro módulos, o aluno recebe o diploma com a Habilitação Profissional de Técnico em Eletrotécnica, desde que tenha concluído também o ensino médio (PPG – ETEC JARAGUÁ, 2017).

O profissional técnico em eletrotécnica é o responsável que opera e mantém elementos de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica; participa na elaboração e no desenvolvimento de projetos de instalações elétricas e de infraestrutura para sistemas de telecomunicações em edificações; atua no planejamento, na execução da instalação e manutenção de equipamentos e instalações elétricas; aplica medidas para o uso eficiente da energia elétrica e de fontes energéticas alternativas; participa no projeto e instala sistemas de acionamentos elétricos; executa a instalação e manutenção de iluminação e sinalização de segurança; pode atuar nas concessionárias de energia elétrica, prestadoras de serviços, indústrias em geral, nas atividades de manutenção e automação; indústria de fabricação de máquinas, componentes e equipamentos elétricos (PPG – ETEC JARAGUÁ, 2019).

O curso de eletrotécnica da Etec Jaraguá é estatisticamente composto por 93,89% de homens, 6,11% de mulheres, e 77,10% dos alunos estudaram em escola pública. Quanto à renda familiar as maiores porcentagens ficam na faixa de um a dois salários, com 34,75%; dois a três salários, 22,88%; e três a cinco salários, com 28,81%, correspondendo a 85,64% do total. O número de pessoas por família varia, sendo 48,31% de uma a 3 pessoas; 46,61% de quatro a seis; e 4,24% com mais de seis pessoas. A porcentagem de alunos afrodescendentes é de

⁵ Subordinado ao eixo tecnológico de controle e processos industriais a habilitação profissional de técnico de nível médio em eletrotécnica é amparado pela Lei Federal nº 9394/96, de 20-12-1996; Resolução CNE/CEB nº 1, de 5-12-2014; Resolução CNE/CEB nº 6, de 20-09-2012; Resolução SE nº 78, de 7-11-2008; Decreto Federal nº 5154, de 23-7-2004, alterado pelo Decreto nº 8.268, de 18-6-2014. E tem o Plano de Curso aprovado pela Portaria CETEC nº 727, de 10-09-2015, republicada no DOE de 25-9-2015 - Poder Executivo – seção I – página 37 (PPG – ETEC JARAGUÁ, 2016).

36,84%. Sua etnia obedece aos valores apresentados a seguir: indígena 0,78%, amarela 0,78%, preta 14,84%, parda 36,72% e branca 39,84%. Em relação à cidade de origem e residência atual, 85,50% dos alunos são oriundos e residem em São Paulo, capital. A idade dos alunos varia obedecendo a ordem decrescente: maiores de 41 anos, 16,79%; de 41 a 37 anos, 9,92%; 36 a 32 anos, 15,27%; 31 a 27 anos, 21,27%; 26 a 22 anos, 14,50%; 21 a 16 anos, com 2,13% (PPG – ETEC JARAGUÁ, 2021).

1.7 A influência do neoliberalismo no campo do ensino técnico

O subsídio da educação brasileira foi historicamente regido pelos interesses econômicos, sobretudo os investimentos na educação profissional. Mas se observarmos as principais políticas públicas adotadas para essa modalidade de ensino nas últimas décadas, veremos uma nítida ligação com o crescente ideário neoliberal (Imhof; Almeida, 2015).

O neoliberalismo, segundo Harvey, pode ser entendido como:

[...] uma teoria sobre práticas de política econômica que afirma que o bem-estar humano pode ser mais bem promovido por meio da maximização das liberdades empresariais dentro de um quadro institucional caracterizado por direitos de propriedade privada, liberdade individual, mercados livres e livre comércio, tendo o Estado o papel de criar e preservar um quadro institucional apropriado para tais práticas (2008, p. 12).

Essa perspectiva coincide com a conceituação de Boito (1999) a respeito do neoliberalismo, que se caracteriza como uma ideologia pautada no incentivo ao livre mercado, à livre iniciativa e à descentralização das administrações públicas, preconizando um estado mínimo. Como é possível observar, a pauta do “Estado mínimo” é uma das bases da ideologia neoliberal, que conforme explicita Harvey:

[...] As intervenções do Estado nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num nível mínimo, porque, de acordo com o neoliberalismo, o Estado não possui informações suficientes para entender devidamente os sinais do mercado (preços) e porque poderosos grupos de interesse vão inevitavelmente distorcer e viciar as interações do Estado (particularmente nas democracias) em seu próprio benefício (2008, p. 12).

O neoliberalismo nasceu na Europa e na América do Norte no pós-Segunda Guerra Mundial, locais onde imperava o capitalismo. Essa ideologia surgiu como uma reação no campo teórico/político contra o Estado intervencionista e de bem-estar, portanto, num momento de crise do capitalismo. Na América do Sul a onda neoliberal chegou somente ao final da década de 1980. O Consenso de Washington marcou este momento ao impor um conjunto de reformas administrativas, trabalhistas e previdenciárias à América Latina, através de agências

financiadoras internacionais que visavam um profundo corte de gastos públicos, desregulamentação dos mercados financeiros, privatizações radicais e a abertura comercial (Sader; Gentili, 1995).

O Brasil foi o último dos países da América Latina a implantar o projeto neoliberal. O marco deste acontecimento foi a vitória presidencial de Fernando Collor de Mello, em 1990. Um governo que alinhou suas políticas às tendências internacionais de cortes de gastos públicos, abertura comercial e redução de políticas protecionistas. A LDB, tramitada nos anos 1990, foi uma das expressões da mudança na correlação de forças sociais e marcou a adoção do projeto neoliberal de estado na educação. Isso porque, após oito anos de tramitação, a promulgação da nova Lei de Diretrizes e Bases – Lei nº 9.394/96 não seguiu a versão oriunda das lutas pela democratização dos anos 1980 e acabou incorporando os contextos das tendências internacionais do neoliberalismo (Krawczyk; Vieira, 2008).

Nessa perspectiva, o governo de Fernando Henrique Cardoso não foi diferente de seu antecessor, legitimando-se no ideário neoliberal, sobretudo no âmbito educacional, instaurando uma legislação imbuída de dissociar o ensino médio do ensino profissional, acentuando o propósito do ensino profissional voltado ao mercado de trabalho, e não como uma alternativa de continuidade de estudos e aperfeiçoamento educacional (Imhof; Almeida, 2015).

Mais à frente, o governo Lula desempenhou a tentativa de reintegração do ensino médio ao profissional, mas manteve as estruturas estabelecidas pelo governo antecessor, como, por exemplo, a oferta dos cursos alinhada às políticas macroeconômicas do ideário hegemônico internacional, perpetuando a educação profissional muito direcionada à empregabilidade. Já na gestão da Presidente Dilma Rousseff a expansão do ensino profissionalizante ocorreu conforme se previa, com a implantação do PRONATEC, um programa nacional que fomentou o acesso ao ensino técnico através de projetos e ações de assistência técnica e financeira. O governo continuou a investir nos institutos federais, mas também passou a investir dinheiro público no setor privado (Imhof; Almeida, 2015).

Sendo assim, verificamos que tanto os governos explicitamente defensores das concepções do ideário neoliberal quanto os governos democráticos populares não conseguiram se desprender das amarras da política neoliberal, e é nesse contexto, segundo Saviani (2013), que as ideias pedagógicas passam a assumir, no próprio discurso, o fracasso da escola pública,

justificando sua decadência e a incapacidade de o estado gerir o bem comum, priorizando a iniciativa privada regida pelas leis do mercado.

As últimas décadas foram marcadas pela globalização da economia, imposição das políticas neoliberais e pela redução da responsabilidade do Estado no âmbito social e educacional. Essas mudanças impactaram diretamente o ensino técnico, conduzindo a formação profissional ao simples propósito de preparar o ser humano para ocupar os postos de produção, e não à emancipação do sujeito. Tais medidas acabam por prejudicar os indivíduos mais vulneráveis, social e economicamente, acentuando as desigualdades e contribuindo para a dualidade entre a educação emancipadora (ensino superior), voltadas às classes mais altas e a educação para o trabalho (ensino profissional) para as camadas populares da sociedade.

Portanto, compreender as transformações políticas e sociais que ocorreram na educação profissional intriga o nosso trabalho a identificar as razões que levaram os jovens periféricos a escolherem o curso técnico em eletrotécnica da Etec Jaraguá.

CAPÍTULO II – BASE TEÓRICA DA PESQUISA- CONCEITOS DE BOURDIEU

Neste capítulo serão apresentados os dois conceitos essenciais que foram adotados como norteadores para análise dos dados obtidos junto aos sujeitos – alunos egressos do curso técnico em eletrotécnica da Etec Jaraguá. Os conceitos são: capital econômico, cultural e social, e classificação, reclassificação e desclassificação. Os conceitos fornecerão a base teórica sólida necessária para compreendermos, de maneira abrangente e profunda, os elementos centrais que permeiam a nossa investigação. Além disso, apresentaremos também, de forma sucinta, os conceitos de espaço social, campo, habitus, poder simbólico e trajetória social, todos cunhados por Bourdieu, que apesar de não terem sido utilizados profundamente neste trabalho, permeiam direta e indiretamente a análise dos dados obtidos. Assim, ao discutirmos sobre todos esses fundamentos, estabeleceremos o alicerce para uma compreensão mais rica e contextualizada das interações entre os diversos elementos que compõem nosso estudo.

2.1 Espaço social, campo, habitus e poder simbólico

Antes de trazermos à tona os conceitos fundamentais escolhidos para nortear a pesquisa, apresentaremos alguns outros conceitos que estão presentes na pesquisa, de forma menos destacada, mas que permeiam os resultados e auxiliam na compreensão do referencial teórico escolhido. Como, por exemplo, o conceito de **espaço social** desenvolvido por Bourdieu para explorar a complexidade da sociedade, contrapondo a estrutura hierárquica em formato piramidal. Nesse contexto cada classe social ocupa uma posição determinada pelas suas condições materiais de existência em relação a outras classes. A hierarquia social, segundo Bourdieu, surge da distribuição desigual de formas de capital, onde a quantidade e a composição dessas formas definem a posição de uma classe no espaço social. O capital econômico e cultural desempenha papéis fundamentais, sendo que a classe dominante se destaca por possuir um alto nível de capital, acumulando diferentes tipos de capital (Bourdieu, 2013).

Bourdieu concebe o **campo** como um mercado de capitais, onde investimentos e ganhos são legitimados pelo poder simbólico das posses individuais. Nesse espaço os agentes sociais competem para manter sua posição ou ascender a uma nova classe, buscando ingressar em diferentes campos. Assim, segundo Bourdieu (1989), com base na compreensão das posições no espaço, podemos identificar grupos de agentes que ocupam posições similares. Quando esses agentes são submetidos à circunstâncias e influências similares, é muito provável que

apresentem atitudes e interesses congruentes, o que resulta em comportamentos e escolhas similares.

Sendo assim, através desta pesquisa, conheceremos as trajetórias de egressos, oriundos de classes populares, com o intuito de conhecer o volume de seus capitais e o conjunto de práticas e estratégias adotadas por eles no campo.

Bourdieu (1983) define o conjunto de práticas sociais que estruturam o campo como **habitus**. Podendo ser expresso como uma condição característica de uma determinada classe, no contexto de um ambiente socialmente estruturado, podendo se identificar, empiricamente, regularidades que dão origem a esse habitus. Podem ser caracterizados também como sistemas de disposições duradouras. Os habitus funcionam como estruturas predispostas a desempenhar o papel de princípios geradores e organizadores das práticas e das representações. Importante notar que essas práticas e representações podem ser objetivamente "reguladas" e "padronizadas" sem depender da mera obediência a regras, sendo adaptadas aos seus propósitos sem exigir intenções conscientes dos objetivos e sem a necessidade de coordenação explícita das ações por um líder.

No caso dos egressos pesquisados, eles optaram por cursar o ensino técnico em eletrotécnica na Etec Jaraguá, o que pode ser o reflexo das práticas semelhantes, já que o habitus é incorporado pela socialização. A socialização pode ser entendida como os mecanismos pelos quais ocorre a aprendizagem nas interações sociais, levando a assimilação de normas, valores e crenças.

O contexto social em que um indivíduo se encontra influencia suas práticas sociais. Os conceitos de espaço social e campo, introduzidos por Bourdieu, oferecem uma compreensão de como as influências no processo educacional podem direcionar grupos à escolhas semelhantes – como a opção pelo curso técnico em eletrotécnica. Indivíduos nascem em classes sociais compartilhando práticas, normas e valores. Isso molda suas inclinações para perceber, sentir, agir e pensar de forma interna semelhante ao grupo. Tais inclinações são chamadas de disposições. Entender as disposições é conhecer o habitus da classe.

Conforme Bourdieu (1983) demonstra, é por meio do habitus que interpretamos a realidade, pois ele é responsável pela produção de nossas práticas. Assim, ele age como uma estrutura que tanto molda quanto é moldada. Os habitus dos indivíduos estruturam o campo

social, mas, por sua vez, o campo também estrutura o habitus dos indivíduos. Ele influencia nossa percepção e julgamento da realidade, além de ser o criador de nossas práticas. Adicionalmente o habitus molda as oportunidades objetivas e as motivações subjetivas. Ele cria a ilusão de “escolha” nas práticas e representações, embora os indivíduos estejam, na verdade, mobilizando o habitus que os moldou.

A posição de uma classe social em um espaço social ocorre devido à representação que ela obtém na relação com outras classes. É necessário ser reconhecido pelo outro para ocupar um determinado lugar nesse espaço. Algumas classes conseguem manter uma posição mais privilegiada do que outras porque são reconhecidas como tal. Essas classes são capazes de manter um certo status devido ao poder simbólico que legitima sua posição.

Diferentes grupos podem valorizar aspectos distintos. Por exemplo, alguns grupos podem priorizar o acesso ao ensino superior como de maior importância, enquanto outros podem atribuir um maior valor simbólico ao conhecimento profissionalizante. Essas atribuições variam de acordo com o espaço social e a classe a que pertencem os indivíduos.

Um status diferenciado e reconhecido confere mais **poder simbólico** ao indivíduo. A representação que um indivíduo tem do mundo social é uma reprodução de um habitus que é construído socialmente. Essa visão de mundo é arbitrária, uma vez que o sujeito aceita passivamente o que lhe é imposto, uma vez que já está estabelecido previamente. O universo em que o sujeito vive já está estabelecido quando ele nasce, e ele apenas vive e segue as regras e leis estabelecidas.

O arbitrário cultural é imposto pelo grupo que detém o poder sobre o que é considerado importante e legítimo – como o poder simbólico dado ao ensino superior em detrimento do ensino profissionalizante – através das mudanças políticas neoliberais. O poder passa a ser dissimulado pela cultura por meio de um conjunto de esquemas de percepção, elaborados por indivíduos que possuem um alto capital cultural e uma autoridade legítima. Logo, a dominação entre as classes sociais ocorre por meio do poder arbitrário do poder simbólico. Os produtores produzem códigos simbólicos (formas de ver e sentir) organizados em sistemas culturais diferenciados.

2.2 Capital econômico, cultural e social

A teoria dos capitais de Bourdieu é um dos principais conceitos que norteiam a análise dos dados obtidos com esta pesquisa, mas nos limitaremos a utilizar a fração dos capitais que se aplicam ao âmbito educacional a fim de auxiliar objetivamente na nossa investigação.

O **capital econômico** é o elemento de acúmulo mais conhecido na sociedade capitalista. É caracterizado por recursos materiais (tais como terras, imóveis, fábricas etc.) e por formas de renda (tais como salário, aluguéis, juros etc). O capital pode ser acumulado, reproduzido e ampliado através de estratégias de investimentos econômicos. Para Bourdieu (1999) o desenvolvimento econômico está atrelado também ao investimento cultural e à manutenção das relações sociais, no qual esses fatores, primariamente não econômicos, passam a funcionar como espécies de capitais, sendo capazes de influenciar o desenvolvimento econômico e vice-versa.

A respeito do **capital cultural** afirma Bourdieu:

O capital cultural pode existir sob três formas: no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais (1998, p. 74).

Em seu estado incorporado esse capital está compreendido numa forma subjetiva de qualificações intelectuais, produzidas/reproduzidas pelo sistema escolar e transmitidas pelas famílias. A assimilação, “enraizamento”, incorporação e durabilidade do capital cultural estão relacionados a um esforço pessoal e um longo trabalho de aprendizagem e aculturação (Bourdieu, 1998).

No estado objetivado o capital cultural está relacionado à aquisição de bens culturais materiais, como, por exemplo, livros, obras de arte, instrumentos musicais etc. Estes são adquiridos através do capital econômico, porém sua posse só é possível havendo no indivíduo a assimilação do capital incorporado, pois este lhe proporciona os mecanismos de apropriação e os “símbolos” necessários à identificação destes itens materiais como bens culturais (Bourdieu, 1998).

O terceiro e último estado é o institucionalizado, que se dá na forma de certificação de competência cultural, e pode ser observado por meio de títulos escolares ou acadêmicos, com o objetivo de outorgar o reconhecimento institucional ao capital cultural possuído por uma pessoa (Bourdieu, 1998).

Segundo Bourdieu:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. Essas ligações são irreduzíveis às relações objetivas de proximidade no espaço físico (geográfico) ou no espaço econômico e social porque são fundadas em trocas inseparavelmente materiais e simbólicas cuja instauração e perpetuação supõem o re-conhecimento dessa proximidade. O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado (1998, p. 67).

Pode-se dizer que o domínio dos saberes assegura ao seu portador a possibilidade de transformar o volume cultural em uma moeda de troca no campo educacional, econômico, simbólico e social, por meio da reconversão social desses capitais (Bourdieu, 1998).

Portanto, entendemos que o **capital social** é uma estratégia de investimento, que se dá através da confecção de redes de contatos, relações, amizades, obrigações e que são mobilizadas pelos indivíduos e grupos de indivíduos ao longo de suas trajetórias de vida. O volume de capital econômico, cultural e social possuídos determinam a rede de relações sociais que se pode mobilizar. Tal mobilização pode ser consciente ou não, mas se desenvolve com a finalidade de criar, manter, reforçar e ativar ligações das quais pode-se esperar, a qualquer momento, a extração de lucros materiais ou simbólicos (Bourdieu, 1998).

Nesse contexto é importante destacar a influência dos capitais na “escolha” do ensino técnico pelos jovens. Pois torna-se evidente que cada indivíduo, a cada momento, conta com um volume e uma variedade específica de recursos, trazidos do “berço” ou acumulados ao longo de sua trajetória social, assegurando determinada posição no espaço social (Nogueira e Nogueira, 2004).

2.3 Classificação, reclassificação e desclassificação

O segundo conceito principal utilizado no referencial teórico desta pesquisa são as concepções de **classificação, reclassificação e desclassificação** que, segundo Bourdieu, são concepções orientadas pelas relações entre classes ou frações de classes e os investimentos feitos no sistema educacional, visando maximizar o retorno do capital escolar por meio da obtenção de diplomas ou certificados. Bourdieu enfatiza que esses processos de classificação estão intrinsecamente ligados à distribuição desigual de recursos culturais, econômicos e sociais na sociedade. Bourdieu afirma:

As estratégias de reprodução e, em particular, as estratégias de reconversão pelas quais os indivíduos ou as famílias visam a manter ou a melhorar sua posição no espaço social, mantendo ou aumentando seu capital ao preço de uma reconversão de uma espécie de capital numa outra mais rentável e/ou mais legítima (por exemplo, do capital econômico em capital cultural), dependem das oportunidades objetivas de lucro que são oferecidas aos seus investimentos num estado determinado dos instrumentos institucionalizados de reprodução (estado da tradição e da lei sucessorial, do mercado de trabalho, do sistema escolar etc.) e do capital que elas têm para reproduzir (1998, p. 147).

As famílias e os indivíduos utilizam essas estratégias como uma ferramenta para conservar ou ampliar seu patrimônio e, conseqüentemente, manter ou melhorar sua posição na estrutura de relações de classes, evitando possíveis regressões. Tal estratégia depende do volume e da estrutura do capital inicial e do peso dos capitais culturais, econômicos e sociais na estrutura patrimonial, bem como do sistema dos instrumentos de reprodução social. É com este intuito que o investimento em educação se torna uma estratégia de reprodução e reclassificação social para as diferentes classes sociais (Bourdieu, 1998).

Contudo, isso não deve ser confundido com aquilo que é chamado, segundo o autor, do ingênuo movimento de mobilidade social, fato difícil de acontecer, pois o que ocorre é um deslocamento vertical (no mesmo campo) ou horizontal (reconversão de um capital em outro), mas que não possuem a capacidade de modificar a estrutura social. Conforme explica Bourdieu:

[...] o espaço social permite duas formas de deslocamentos que, apesar de não terem qualquer equivalência e cuja probabilidade de ocorrência é bastante desigual, são confundidas pelos estudos tradicionais de mobilidade: em primeiro lugar, os deslocamentos verticais, ascendentes ou descendentes, no mesmo setor vertical do espaço, ou seja, no mesmo campo [...] em seguida, os deslocamentos transversais, implicando a passagem de um para outro campo, que podem operar-se no plano horizontal [...]. Os deslocamentos mais frequentes são os verticais: pressupõem somente uma modificação do volume da espécie de capital já dominante na estrutura patrimonial [...], portanto, um deslocamento na estrutura da distribuição do volume global de capital que assume a forma de um deslocamento nos limites de um campo específico [...]. Ao contrário, os deslocamentos transversais pressupõem a passagem

para um outro campo, portanto, a reconversão de uma espécie de capital para uma outra ou de uma subespécie de capital econômico ou de capital cultural para uma outra [...] (2013, pp. 122-123).

Para Bourdieu o capital escolar se tornou uma das principais ferramentas utilizadas por certas classes ou frações de classe para evitar uma possível regressão social e, ao mesmo tempo, melhorar sua posição no espaço social. Investir no capital escolar tornou-se uma estratégia de reprodução e, mais especificamente, uma estratégia de reconversão na qual indivíduos ou famílias buscam manter ou melhorar sua posição social, convertendo seu capital em uma forma mais lucrativa e/ou legitimada, por exemplo, transformando capital econômico em capital cultural. Nesse sentido, o capital escolar adquire um valor estratégico, pois proporciona oportunidades de ascensão social e permite a conversão de recursos em uma forma valorizada e reconhecida pela sociedade (Bourdieu, 1998).

Dessa forma, o investimento realizado pelas diversas classes sociais no sistema educacional, visando alterar sua posição no campo social, contribui para uma "inflação" de diplomas, tornando o espaço social um campo de disputa pela classificação ou reclassificação social. Nesse caso surge uma luta constante para garantir o reconhecimento e a valorização do capital educacional adquirido, a fim de evitar a desclassificação social. As pessoas buscam preservar ou melhorar sua posição social, protegendo o capital conquistado por meio da obtenção de diplomas e certificados, que se tornam instrumentos cruciais para competir no mercado de trabalho e na hierarquia social (Bourdieu, 1998).

Desse modo, as concepções de classificação, reclassificação e desclassificação, propostas por Bourdieu (1998), permitem ao nosso trabalho identificar os investimentos educacionais e as estratégias de reconversão adotadas pelos indivíduos durante suas trajetórias educacionais e sociais. É nesse sentido que o curso técnico em eletrotécnica apresenta-se para as camadas populares, como um meio de adquirir capital educacional, que se legitimará através do certificado de técnico, e poderá ser reconvertido em prestígio no currículo, lhes possibilitando um destaque no mercado de trabalho.

2.4 Trajetórias dos indivíduos na “escolha” do ensino técnico

Por último, trazemos o conceito de **trajetória social**, que nos auxiliará a reconstituir as trajetórias dos egressos pesquisados que, de acordo com Bourdieu (apud Catani, 2017, p. 354), é um dos elementos que explica as práticas dos sujeitos ao longo do tempo histórico, levando em consideração que as representações subjetivas construídas na origem estão

inseparavelmente ligadas à posição objetiva ocupada pelo agente. No entanto, essas representações não são uniformes e não surgem de um campo fechado, mas sim as trajetórias são respostas a um conjunto objetivo de oportunidades disponíveis, incluindo aquelas relacionadas ao ensino técnico, para um determinado grupo social ou geracional. Daí que a decisão por cursar o ensino técnico surge como um papel importante na formação das trajetórias dos pesquisados, como possibilidade de aquisição de habilidades práticas e conhecimentos especializados. Mas mesmo os sujeitos que buscam avançar além das perspectivas, construindo uma trajetória distinta daquelas de seu grupo, o "espaço dos possíveis" do campo permanece intrinsecamente presente e continua a limitar suas ações.

Os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. É evidente que o sentido dos movimentos que levam de uma posição a outra (...) define-se na relação objetiva entre o sentido dessas posições no momento considerado, no interior de um espaço orientado (BOURDIEU, 1996, p. 81).

Assim, as trajetórias individuais estão estreitamente ligadas à origem dos sujeitos e às experiências familiares. A combinação de um conjunto inicial de características (habitus primário) e a trajetória mais comum dentro do contexto de origem do sujeito (trajetória modal), juntamente com a influência da herança cultural, somam-se às situações e processos de classificação e reconstrução dessas características. Essa interação complexa possibilita mudanças na vida do sujeito. Essa relação, construída de forma simbólica e dependente de múltiplos fatores, pode ser a razão para uma mudança na posição de classe social, assim como pode desafiar as possibilidades estabelecidas pela aquisição das disposições necessárias para se movimentar em diferentes espaços sociais, mesmo que essa aquisição não tenha ocorrido inicialmente na família.

Isto é, não podemos compreender uma trajetória (...), a menos que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou; logo, o conjunto de relações objetivas que vincularam o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e que se defrontam no mesmo espaço de possíveis (Bourdieu, 1996, p. 82).

Portanto, devemos considerar que uma trajetória social está diretamente ligada ao local de origem e às trajetórias de outros agentes que se movem em campos semelhantes. Embora os indivíduos ativamente construam seu mundo social ao mobilizarem seu habitus e se engajarem em lutas simbólicas no campo social, esses processos de internalização e incorporação também são moldados pelo ambiente social. Essa interdependência resulta em um conjunto de

disposições que operam abaixo do nível da consciência, conferindo uma qualidade natural aos aspectos sociais. Logo, é possível reconhecer que essas representações, usadas para dar significado às experiências vividas, não são arbitrárias.

2.4 Hipótese

A partir dos conceitos apresentados neste capítulo, buscamos evidenciar a **hipótese** de que as condições econômicas, as práticas familiares, as trajetórias sociais e educacionais de famílias de classes populares influenciam a “escolha” de seus filhos pelos cursos técnicos. Os jovens oriundos dessas famílias almejam a ascensão social, e a expectativa deles é de que o curso técnico proporcione além de uma formação rápida, a imediata colocação no mercado de trabalho.

CAPÍTULO III – PASSOS DA PESQUISA - PROCEDIMENTOS

Neste capítulo dedicaremos nossa análise aos instrumentos de pesquisa que foram cuidadosamente selecionados e aplicados, buscando aprofundar nossa compreensão das complexas razões que direcionaram o grupo de egressos em sua escolha pelo curso técnico. Por meio de uma abordagem meticulosa, exploraremos os fatores e contextos que influenciaram suas decisões, proporcionando uma visão mais abrangente e aprofundada desse processo de escolha educacional.

Para escolhermos objetivamente o nosso campo de pesquisa, realizamos um levantamento das escolas técnicas do Centro Paula Souza que ofertam, atualmente, o curso de eletrotécnica. Foram encontradas, ao todo, 11 unidades na cidade de São Paulo. Optamos por pesquisar a escola que estivesse mais distante do centro da Cidade, tendo como referência o marco zero, na praça da Sé. De todas as escolas pesquisadas chegamos até a Etec Jaraguá, a mais distante que oferta esse curso, situada a aproximadamente 31 km de distância, enquadrando-se no perfil de uma unidade periférica. Situada no bairro de mesmo nome, localizado na zona noroeste da cidade de São Paulo, esse bairro é composto por uma população de 184.818 habitantes, distribuídos numa área aproximada de 27,60 km², resultando numa densidade demográfica de 6.696 hab./km², fazendo limite com os municípios de Osasco, a oeste, e Caieiras, ao norte, e com os bairros de Perus, Anhanguera, Brasilândia, São Domingos e Pirituba (São Paulo, 2022).

Após delimitar o campo de pesquisa, demos início aos primeiros contatos com a escola, com o propósito de reunir os sujeitos pesquisados. Devido ao período pandêmico as possibilidades de acesso foram bem limitadoras, todavia, por já ter estudado nessa escola, pude contar com o auxílio da coordenação pedagógica que se prontificou em ajudar. Com a justificativa da pesquisa obtivemos acesso ao anuário, o que possibilitou obter o nome dos egressos que concluíram o curso de eletrotécnica entre os anos de 2011 e 2012, na modalidade presencial do período vespertino. Através dos nomes iniciei a busca nas redes sociais e, posteriormente, o convite para participação da pesquisa – até aquele momento não se sabia ao certo a quantidade de ex-alunos que corresponderiam. Após três semanas de contatos foi possível reunir dez participantes, tornando exequível dar continuidade ao trabalho com a aplicação do questionário socioeconômico e a entrevista.

Para validar os procedimentos desta pesquisa, optamos por utilizar os conceitos metodológicos de Michel J. M. Thiollent sobre questionários e entrevistas, descritos na sua consolidada obra “Crítica Metodológica, Investigação Social” (1987). Optamos por essa combinação de técnicas por serem consideradas chave na observação de fatos sociais.

Certamente nossa opção pela combinação de técnicas de coleta foi intencional, de forma a garantir que os resultados contribuíssem para a melhor visualização do objeto da pesquisa. A aplicação do questionário socioeconômico teve como objetivo o levantamento de dados e a definição do perfil socioeconômico dos sujeitos pesquisados. Os dados obtidos foram analisados e resultaram na seleção de todos os indivíduos para, a posteriori, serem submetidos a uma entrevista focada na investigação dos objetivos da pesquisa.

O emprego do questionário e da entrevista foi antecedido pela assinatura de um termo de consentimento entregue a todos os participantes, que ficaram com uma cópia, como comprovante de que o pesquisado concordou em participar nas condições explicitadas no documento.

3.1 Questionário socioeconômico

A estrutura do questionário, elaborada segundo conceituação de Thiollent (1987), conta com uma lista de 47 perguntas, cuja temática corresponde à “tradução” das hipóteses da pesquisa sob forma interrogativa, levando em conta o nível de informação dos sujeitos pesquisados. As questões seguem uma ordem temática que dialoga com a conceituação das diferentes formas de capitais propostas por Bourdieu (1998), a fim de investigarmos a relação do nível socioeconômico dos indivíduos com a razão da “escolha” do curso técnico em eletrotécnica na Etec Jaraguá, e suas expectativas projetadas e alcançadas com relação ao curso realizado. As questões diversificam-se entre perguntas fechadas, que permitem apenas uma resposta, e perguntas livres, que possibilitam ao entrevistado responder de maneira livre, conforme anexo I.

O questionário e a entrevista foram empregados sem a figura presente do pesquisador, tendo sido o questionário distribuído e recolhido por meio de trocas de e-mails com os participantes, e as entrevistas realizadas através de chamadas de vídeo, gravadas e posteriormente transcritas pelo pesquisador. Tal fato se deu em virtude do período atípico vivido no momento pandêmico, entre 2020 e 2021. Portanto, coletamos as informações à

distância. Ressaltamos que a ausência do pesquisador no ato das aplicações diminui a chance de interferência nas respostas dos participantes, tornando-as menos comprometidas.

3.2 Entrevista

Após a coleta de informações a partir do questionário, tivemos uma caracterização geral dos sujeitos em relação ao aspecto socioeconômico. Em seguida, utilizamos a entrevista com o objetivo de levantar os motivos que conduziram os respondentes ao ensino técnico e descobrir se suas expectativas foram atendidas. A entrevista é um procedimento de pesquisa que permite ao pesquisador obter informações relativas à subjetividade, aos valores e opiniões dos entrevistados, o que possibilita o acesso a um relativo grau de profundidade nas respostas (Thiollent, 1987).

A partir da análise das respostas dos entrevistados buscamos compreender claramente as razões que os levaram a optar pelo curso de eletrotécnica na Etec Jaraguá; a relação existente entre as “escolhas” e seus perfis socioeconômicos; o contexto social no qual estavam inseridos à época; e o quanto a “escolha” por essa modalidade de ensino atendeu as expectativas estimadas por eles.

A entrevista foi composta por um total de 29 perguntas abertas, divididas em três blocos, conforme anexo II. O primeiro bloco é composto por questões a respeito das opções de passeios, esportes e lazer dos pesquisados, na qual buscamos delinear, a partir das atividades e dos locais frequentados, as suas redes de contato e de capital social. O segundo bloco concentra perguntas sobre a vida pessoal, familiar e escolar, no qual buscamos compreender a influência do capital social e cultural na “escolha” pelo curso de eletrotécnica. No terceiro e último bloco as questões se voltam especificamente ao curso de eletrotécnica na Etec Jaraguá, pelas quais buscamos compreender os motivos por essa “escolha” e o impacto desta em suas vidas.

CAPÍTULO IV – TRAJETÓRIAS SOCIAL E EDUCACIONAL DOS AGENTES

Neste capítulo estão os dados obtidos com o questionário socioeconômico e a entrevista estruturada realizada com os dez egressos do curso técnico em eletrotécnica da Etec Jaraguá. Através desses instrumentos buscamos compreender os motivos que os levaram a optar por essa modalidade de ensino e se suas expectativas foram correspondidas.

É pertinente ressaltar que tanto o questionário quanto a entrevista foram aplicados dez anos após a formação dos egressos, sendo assim, as respostas que rememoram suas perspectivas do passado estão sujeitas à ação do tempo decorrido, pois as experiências de vida até aqui podem inferir nas respostas.

Escolhemos um questionário socioeconômico e cultural como o primeiro instrumento para iniciar a investigação. Nosso objetivo foi caracterizar o grupo por meio do capital econômico, cultural e social e que compuseram o perfil de cada indivíduo até o ingresso no curso técnico.

Todas as respostas estão de acordo com a autodeclaração dos egressos e foram organizadas e planilhadas, substituindo seus nomes por letras do alfabeto com o intuito de preservar suas identidades. Os dados obtidos estão dispostos, a seguir, em três grandes blocos: características pessoais e renda; características familiares e renda; e características socioculturais, que geraram um total de seis tabelas.

4.1 Características pessoais e renda

O primeiro grande bloco de análise gerou duas tabelas com as informações pessoais e de renda que caracterizam o grupo de egressos, as quais serão expostas através das seguintes categorias: cor; gênero; idade com a qual ingressou no curso; escolarização no início do curso; ocupação no início do curso; renda familiar mensal no início do curso; habitantes por domicílio no início do curso; e composição da renda no início do curso.

Para auxiliar na compreensão das tabelas 1 e 4 que se seguirão, esclarecemos que as informações a respeito das atividades produtivas dos indivíduos foram estruturadas utilizando a relação de ocupações profissionais elaborada pela Coordenação de Pesquisa dos Vestibulares

da UNICAMP (Bittencourt et al, s/d)⁶. Dessa forma, as atividades dos indivíduos foram classificadas por intermédio de uma escala das ocupações menos próximas do trabalho manual até as mais próximas.

As categorias utilizadas são as seguintes:

I – Altos cargos políticos e administrativos, proprietários de grandes empresas e assemelhados;

II – Profissionais liberais, cargos de gerência ou direção, proprietários de empresas de tamanho médio;

III – Posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais, proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais, agropecuárias etc.;

III – Estudante;

IV – Ocupações não manuais de rotina e assemelhadas;

V – Supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas;

VI – Ocupações manuais especializadas e assemelhadas;

VII – Ocupações manuais não especializadas;

VIII – Ocupação do lar.

Devido ao fato da relação da UNICAMP não compreender todas as formas de ocupação que apareceram nesta pesquisa, utilizamos nosso bom senso para incluir uma categoria, “estudante”, tipificada como categoria III. Quando a resposta ao questionário foi “aposentado (a)”, consideramos a ocupação que o indivíduo exercia ao se aposentar.

Tabela 1 – Caracterização dos sujeitos

Egressos	Cor	Gênero	Idade com que ingressou	Escolarização início do curso	Ocupação início do curso
A	Pardo	Masculino	27	Ensino Médio Completo	VII
B	Branco	Masculino	17	Cursando Ensino Médio	III
C	Branco	Masculino	16	Cursando Ensino Médio	III

⁶ Dentre as inúmeras formas de categorizações verificadas, acreditamos que essa é a mais assertiva para essa pesquisa, pois é a que melhor evidencia a relação entre atividade profissional e a complexidade intelectual envolvida. Ao ocultar os cargos, essa categorização evita também os estigmas relacionados as profissões.

D	Branco	Masculino	17	Cursando Ensino Médio	III
E	Pardo	Feminino	18	Ensino Médio Completo	VII
F	Branco	Masculino	16	Cursando Ensino Médio	III
G	Negro	Masculino	17	Cursando Ensino Médio	III
H	Branco	Masculino	16	Cursando Ensino Médio	III
I	Branco	Masculino	16	Cursando Ensino Médio	III
J	Negro	Masculino	17	Cursando Ensino Médio	III

Fonte: Questionário.

Organização: Autor da pesquisa.

A partir das respostas obtidas, concluímos que a maior parte dos egressos, 6/10, se autodeclararam brancos. Os afrodescendentes somam quatro indivíduos, que se autodeclararam negros ou pardos.

Os dados revelam que o grupo é majoritariamente formado por indivíduos do gênero masculino, 9/10. Somente a egressa E se autodeclarou do gênero feminino.

A idade com que os egressos iniciaram o curso é importante, pois essa pergunta nos ajuda a compreender a idade média que o grupo tinha quando iniciou o técnico em eletrotécnica. As respostas revelaram que a maior parte dos ex-alunos, 8/10, iniciou com idade inferior a 18 anos, e somente dois deles, A e E iniciaram o curso após a maioridade.

Quanto à ocupação dos sujeitos, observamos que, conforme a tabela 1, a maior parte deles, 8/10, enquadrou-se na categoria III (estudante) quando iniciaram o curso técnico e somente os ex-alunos A e E, os mais velhos, já estavam inseridos no mercado de trabalho e se enquadraram na categoria VII (ocupações manuais não especializadas).

Tabela 2 – Renda familiar mensal* dos sujeitos

Egressos	Renda familiar mensal início do curso	Habitantes por domicílio	Composição da renda
A	Até 3 (R\$1.635,00)	5	Egresso e Esposa
B	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)	3	Mãe e Tia-avó
C	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)	3	Somente o Pai
D	Até 3 (R\$1.635,00)	4	Somente o Pai
E	Até 3 (R\$1.635,00)	4	Egresso e Pai
F	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)	3	Pai e Mãe
G	Até 3 (R\$1.635,00)	5	Pai e Mãe
H	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)	5	Pai e Mãe
I	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)	5	Pai e Mãe
J	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)	5	Somente o Pai

* Renda familiar mensal baseada no salário mínimo de 2011 = R\$ 545,00.

Fonte: Questionário.

Organização: Autor da pesquisa.

A renda familiar mensal é um importante componente para caracterização. Pois, a partir dela podemos esclarecer um pouco sobre o capital econômico que compõe o perfil do grupo. Por isso questionamos qual era a renda familiar dos egressos quando iniciaram o curso técnico. As respostas obtidas foram organizadas em dois grupos: os que tinham renda de até três salários mínimos mensais (R\$1.635,00) e os que tinham renda de quatro a cinco salários mínimos mensais (R\$2.180,00 a R\$2.725,00). Todos os valores têm como base o salário mínimo de 2011, ou seja, R\$545,00, período em que iniciaram o curso técnico. O resultado da pergunta revelou que a renda familiar, de modo geral, era bem parecida, não havendo grande diferença econômica entre os pesquisados.

O número de habitantes por moradia, no período em que os egressos iniciaram o curso, nos ajuda a compreender melhor a distribuição de renda por família. Observamos que a maior parte dos lares, 7/10, eram habitados por mais de três pessoas, número acima da média de moradores por domicílio para o estado de São Paulo na época, que era de 3,22 moradores por domicílio, segundo o levantamento do IBGE (2010). Ao verificarmos a renda, considerando o número de habitantes por domicílio, observamos que o nível de vida é bastante singelo, e que todos, independentemente da diferença entre as rendas, pertencem às classes populares.

A composição da renda é uma informação importante para compreendermos quem era o provedor da renda familiar no período em que os egressos iniciaram o curso. Os dados obtidos revelam que os pais eram os membros da família que mais compunham a renda, aparecendo nas respostas de 8/10. A e E, os mais velhos do grupo, eram os únicos que trabalhavam nesse período e ajudavam a compor a renda familiar.

Ao final deste primeiro bloco concluímos que o grupo pesquisado é composto por uma maioria de brancos, do gênero masculino, menores de 18 anos e que cursaram o ensino técnico concomitantemente ao ensino médio, não desenvolvendo outras atividades além da escolar. Segundo Bourdieu (1998), as redes de relações sociais não acontecem ao acaso, mas são determinadas pelo ato social de instituições. Assim, as famílias de camadas populares tendem a se reunir com as pessoas da vizinhança, do trabalho, da escola ou das relações com parentesco pelo reconhecimento de ser do mesmo grupo social. O rendimento desse capital social é tanto maior quanto mais importante for esse capital. Nessa perspectiva Bourdieu afirma que:

[...] a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis, a curto ou longo prazo, isto é, orientadas para a transformação de relações contingentes, como as relações de vizinhança, de trabalho ou mesmo de parentesco, em relações, ao mesmo tempo, necessárias e eletivas, que implicam obrigações duráveis [...] (1998, p. 68).

Sendo assim, todos são membros das camadas populares. A maior parte das famílias apresenta renda mensal de até cinco salários mínimos, sendo composta pelo pai e dividida com mais de três pessoas. Podemos concluir que, apesar de ser um pequeno grupo de egressos pesquisados, estes estão de acordo com as estatísticas do curso em eletrotécnica apresentadas no PPG da Etec Jaraguá de 2021, conforme exposto no capítulo IV deste estudo. Isso demonstra que houve pouca ou nenhuma alteração do público atendido, ao longo dos anos, por essa modalidade de curso.

4.1.1 Características familiares e renda

Neste segundo bloco de caracterização, analisamos as questões direcionadas ao núcleo familiar. Após a tabulação das informações obtidas com o questionário socioeconômico, foram geradas duas tabelas que evidenciaram as seguintes categorias: escolarização dos avós paternos; escolarização dos pais; escolarização dos avós maternos, escolarização das mães, escolarização dos egressos e renda familiar mensal.

Tabela 3 – Escolaridade dos sujeitos, seus familiares e renda familiar mensal*

Egressos	Escolarização dos Avós Paternos	Escolarização dos Pais	Escolarização dos Avós Maternos	Escolarização das mães	Escolarização dos egressos	Renda familiar mensal início do curso
A	Sem Escolaridade	Fundamental I	Sem Escolaridade	Fundamental I	Cursando Técnico	Até 3 (R\$1.635,00)
B	Sem Informação	Sem Informação	Sem Escolaridade	Ensino Médio	Cursando Ensino Médio / Técnico	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
C	Ensino Médio	Ensino Técnico	Ensino Médio	Ensino Médio	Cursando Ensino Médio / Técnico	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
D	Fundamental II	Ensino Técnico	Fundamental I	Ensino Médio	Cursando Ensino Médio / Técnico	Até 3 (R\$1.635,00)
E	Sem Escolaridade	Fundamental II	Sem Escolaridade	Fundamental I	Cursando Técnico	Até 3 (R\$1.635,00)
F	Fundamental I	Fundamental I	Fundamental II	Ensino Médio	Cursando Ensino Médio / Técnico	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)

G	Sem Informação	Ensino Médio Completo	Sem Informação	Ensino Superior	Cursando Ensino Médio / Técnico	Até 3 (R\$1.635,00)
H	Fundamental I	Ensino Médio Completo	Fundamental II	Ensino Médio	Cursando Ensino Médio / Técnico	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
I	Fundamental I	Ensino Médio Completo	Fundamental I	Ensino Superior	Cursando Ensino Médio / Técnico	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
J	Sem Informação	Ensino Superior	Fundamental I	Fundamental II	Cursando Ensino Médio / Técnico	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)

* Renda familiar mensal baseada no salário mínimo de 2011 = R\$ 545,00.

Fonte: Questionário.

Organização: Autor da pesquisa.

Questionamos acerca da escolaridade dos avós paternos, avós maternos, dos pais e das mães dos egressos com a finalidade de conhecer o grau de instrução que os familiares mais próximos tinham quando os ex-alunos ingressaram no técnico. Esse é um importante componente para caracterização do grupo, já que, através dele, podemos esclarecer um pouco sobre o capital cultural de suas famílias. As respostas apresentadas como “sem informação” dão conta daqueles que, por algum motivo, não tiveram ou deixaram de ter contato com algum familiar em questão.

De modo geral, o grupo apresenta baixos níveis de escolarização familiar. Isso é evidenciado pela recorrência de avós paternos e maternos categorizados como “Sem Informação”, “Sem Escolaridade” e “Fundamental I”. Apesar das mães apresentarem uma média de formação de nível superior acima da dos pais, o grupo como um todo expressa pouquíssimas formações de “Ensino Superior”, sendo o “Ensino Médio” o grau mais recorrente entre pais e mães.

A partir desses dados é possível observar que, ao longo das gerações, houve uma progressão da escolarização. De modo geral, os pais apresentaram nível de escolarização maior que o dos avós, e os egressos apresentaram nível de escolarização maior que o de seus pais e avós, havendo uma superação do nível de escolarização à medida que as gerações foram avançando. Dessa forma, a maior parte dos egressos superou seus familiares próximos após concluir o curso técnico.

Ao compararmos os níveis de escolarização das gerações com as rendas familiares, observamos que não há grandes variações, mas no caso dos egressos A e E, em que os avós paternos e maternos apresentaram nível de escolaridade igual a “Sem Escolaridade”, as rendas

apareceram na faixa mais baixa de “Até 3 (R\$1.635,00)”. Isso não significa que todos que apresentaram a menor renda tiveram avós sem escolaridade, mas que todos os que apresentaram avós sem escolaridade registraram as menores rendas.

Tabela 4 – Ocupação dos sujeitos, seus familiares e renda familiar mensal*

Egressos	Ocupação do Pai	Ocupação da Mãe	Ocupação dos Egressos	Renda familiar mensal quando iniciou o curso
A	VI	VII	VII	Até 3 (R\$1.635,00)
B	Sem informação	VI	III	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
C	VI	VIII	III	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
D	VI	VIII	III	Até 3 (R\$1.635,00)
E	VII	VIII	VII	Até 3 (R\$1.635,00)
F	VI	VI	III	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
G	V	VI	III	Até 3 (R\$1.635,00)
H	VII	VI	III	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
I	VI	II	III	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)
J	VI	VIII	III	De 4 a 5 (R\$ 2.180,00 a R\$ 2.725,00)

* Renda familiar mensal baseada no salário mínimo de 2011 = R\$ 545,00.

Fonte: Questionário.

Organização: Autor da pesquisa.

Perguntamos qual era a ocupação do pai dos indivíduos quando eles ingressaram no curso técnico, visando compreender, através do nível de ocupação das gerações próximas, o capital cultural envolvido na caracterização do grupo.

Podemos observar que, de modo geral, tanto os pais quanto as mães desempenham ocupações ligadas a trabalhos manuais. A categoria na qual os pais mais se enquadraram foi a VI (ocupações manuais especializadas). No caso das mães as categorias mais recorrentes foram VIII (ocupação do lar) e VI. Ao compararmos as ocupações dos pais e das mães, concluímos que, diferentemente da tabela 3, em que o nível de escolarização das mães foi superior ao dos pais, nas ocupações, em sua maioria, os pais apresentaram nível superior ao das mães, ou seja, apesar das mães apresentarem maiores níveis de escolarização, elas desempenham funções menos prestigiadas.

Ao final deste segundo bloco podemos concluir que o grupo pesquisado apresenta baixos níveis de escolarização familiar, o que não é uma característica favorável para disseminação do capital cultural. Para nos ajudar na interpretação dos dados, recorreremos a

Bourdieu. O autor afirma que a escolaridade dos pais pode ser considerada um indicador do nível de cultura da família:

[...] o nível de instrução dos membros da família restrita ou extensa ou ainda a residência são apenas indicadores que permitem situar o nível cultural de cada família, sem nada informar sobre o conteúdo da herança que as famílias mais cultas transmitem a seus filhos, nem sobre as vias de transmissão (1998, p. 44).

Apesar de ser observada uma progressão do nível escolar ao longo das gerações, os níveis de modo geral são muito baixos, havendo pouquíssimos indivíduos com formação de nível superior. Os baixos níveis escolares se refletem nas ocupações dos pais, que são predominantemente manuais e requerem pouco desenvolvimento intelectual.

4.1.2 Características socioculturais

Neste terceiro bloco de questões de nosso instrumento de pesquisa, coletamos as características socioculturais dos egressos durante a infância e enquanto jovens até o momento da entrada no curso técnico, a partir de quatro questionamentos: 1) Costumava viajar? Com quem?; 2) Com qual frequência?; 3) Possuía hábito de leitura? O que lia?; 4) O que assistia na televisão?; 5) Frequentava eventos culturais/sociais?

Dessa forma, buscamos compreender melhor o capital social que pode estar envolvido na caracterização do grupo. As informações obtidas geraram duas tabelas que analisaremos abaixo.

Tabela 5 – Hábitos, capital cultural e social dos sujeitos

Egressos	Costumava viajar? Com quem? Com qual frequência?	Possuía hábito de leitura? O que lia?	O que assistia na televisão?
A	Praia – Esposa – 1 vez ano	Não lia	Telejornal
B	Não viajava	Não lia	Programas de comédia
C	Praia - Pais – 1 vez ano	Ficção científica	Clipes Musicais
D	Interior - Pais – 1 vez ano	Não lia	Programas de comédia
E	Praia - Pais – 1 vez ano	Romance	Programas de comédia
F	Não viajava	Aventura	Programas de comédia
G	Praia - Pais – 1 vez ano	Não lia	Programas de comédia
H	Interior - Pais – 1 vez ano	Bíblia	Desenhos
I	Não viajava	Ficção científica	Novela
J	Praia - Pais – 1 vez ano	Não lia	Programas de comédia

Fonte: Questionário.

Organização: Autor da pesquisa.

Através das informações obtidas, podemos observar que o grupo de egressos não tinha o costume de viajar. Dentre aqueles que viajavam, a frequência aparece de forma unanimemente baixa. A partir das leituras de Bourdieu compreendemos que, por menores que sejam em tempo e em distância, as viagens proporcionam oportunidades de troca de informações com sujeitos mais conhecedores dos diferentes locais e de informações gerais (educação, política, sociedade etc.), mas no caso dos pesquisados, de certa forma, esse contato se limita muito pelo fato de que, mesmo nas poucas oportunidades que tinham de viajar, essa atividade era realizada somente na companhia do núcleo familiar mais próximo.

Metade dos egressos não possui hábito de leitura, e a outra metade dos pesquisados se dividiu entre gêneros literários de ficção científica, romance, aventura e bíblico. Isso demonstra um baixo nível de aquisição cultural por parte do grupo. Supomos, como aponta Bourdieu (1998), que todos os aspectos da cultura – teatro, cinema, museus, pintura, leitura de jornais ou revistas – podem aprofundar os conhecimentos dos sujeitos e, por isso, poderia tê-los levado a um maior conhecimento em direção ao curso técnico. Mas ao analisar as respostas, observamos que os sujeitos em questão não apresentam volume cultural que leve a este caminho.

Perguntamos sobre o que costumavam assistir na televisão, e a maior parte das respostas, 6/10, concentrou-se no programa “Pânico na TV”, renomeado na tabela 5 como “programas de comédia”. As demais respostas se dividiram entre telejornais, clipes musicais, desenhos e novelas. Nesse contexto afirma Bourdieu:

Por exemplo, as enquetes sobre a audiência radiofônica mostram que a posse de aparelhos de rádio e televisão é muito desigual entre os diferentes meios sociais; e inúmeros indícios permitem inferir que as desigualdades se refletem não somente na escolha dos programas vistos ou ouvidos (escolha que depende estreitamente do nível de instrução, tanto quanto a frequência a museus ou a concertos), mas também, e sobretudo, no tipo de atenção dedicada (1998, p. 61).

Evidenciamos que a audiência dada a um tipo específico de conteúdo é seletiva, conforme a origem social e os interesses de cada um. Sendo assim, através das respostas dos egressos, podemos observar que o grupo apresenta um baixo nível de instrução e completa desconexão com informações que podem ter favorecido a “escolha” do curso técnico.

Tabela 6 – Atividades culturais dos sujeitos

Egressos	Cinema	Teatro	Museu
A	Uma vez/ Ano	Nunca	Nunca
B	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano

C	Uma vez/ Mês	Nunca	Uma vez/ Ano
D	Uma vez/ Ano	Nunca	Uma vez/ Mês
E	Uma vez/ Mês	Nunca	Uma vez/ Ano
F	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano
G	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano	Nunca
H	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano
I	Uma vez/ Mês	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Mês
J	Uma vez/ Ano	Uma vez/ Ano	Nunca

Fonte: Questionário.
Organização: Autor da pesquisa.

Como é possível observar, a maioria frequentava pouco os eventos culturais/sociais; dos três locais apresentados, o cinema apresentou uma baixa frequência, o teatro e o museu eram ainda menos frequentados e, em alguns casos, nunca visitados. Tal situação pode ser um reflexo da baixa instrução e baixa hierarquia social em que os egressos se encontravam, conforme explica Bourdieu:

Da mesma maneira, como se procurou mostrar nas análises precedentes, os indivíduos que têm um nível de instrução mais elevado têm as maiores chances de ter crescido num meio culto. Ora, nesse domínio, o papel das incitações difusas propiciadas pelo meio familiar é particularmente determinante: a maioria dos visitantes faz sua primeira visita ao museu antes da idade de quinze anos e a parte relativa das visitas precoces cresce, regularmente, à medida que se eleva na hierarquia social (1998, p. 60).

Para além da renda o baixo interesse em frequentar museus e teatros está diretamente ligado ao nível de instrução. Bourdieu (1998, p. 60) demonstra isso muito bem quando diz: “fica latente quando comparamos a familiaridade dos alunos com obras de arte e para que você possa interpretar as informações que estão por detrás dessas obras, faz-se, pois, necessário que tenha tido acesso ao código que lhe propicia a interpretação da obra”. O autor ainda afirma que:

A privação em matéria de cultura não é necessariamente percebida como tal, sendo o aumento da privação acompanhado, ao contrário, de um enfraquecimento da consciência da privação. O privilégio tem, pois, todos os sinais exteriores da legitimidade: nada é mais acessível que os museus, e os obstáculos econômicos, cuja ação se deixa perceber em outros domínios, são aqui menores, de modo que parece ter-se mais fundamento, aqui, para invocar a desigualdade natural das necessidades culturais. O caráter autodestrutivo dessa ideologia é tão evidente quanto sua função justificadora (1998, p. 60).

Ao final do terceiro e último bloco de análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário socioeconômico, concluímos que o grupo pesquisado teve pouco acesso às atividades culturais, tais como: museus, teatros, cinemas e viagens. Até mesmo no caso dos que frequentavam cinema e tinham hábitos de leitura, observa-se uma baixa aquisição de capital,

pois como bem diz Bourdieu (1998), o valor ou a “escolha” dos tipos de filmes, ou de leituras realizadas está intimamente ligada à origem social dos sujeitos. Dessa forma, as poucas atividades culturais das quais participavam não são suficientes para entendermos os objetivos que os levaram a optar pelo curso técnico em eletrotécnica da Etec Jaraguá.

4.2 Das entrevistas

Após a caracterização do grupo, realizada por meio do questionário socioeconômico, convidamos todos os egressos para uma entrevista estruturada, a fim de apresentar a trajetória individual dos dez egressos, esclarecer os motivos que os levaram a optar pelo curso técnico em eletrotécnica na Etec Jaraguá e quais eram suas expectativas após a conclusão do curso.

As entrevistas, em função da pandemia (momento no qual a pesquisa se desenvolveu), foram realizadas através de chamada de vídeo, gravadas e, posteriormente, transcritas pelo pesquisador. Cada entrevista durou em média 25 minutos, conforme o egresso se sentisse confortável e fosse conveniente a ele. Os participantes concordaram com a pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido que fora encaminhado anteriormente por e-mail. Todas as entrevistas seguiram o mesmo roteiro conforme anexo II (Roteiro de entrevistas).

A apresentação das trajetórias a seguir foi formulada a partir das respostas colhidas. Elas foram individualmente organizadas e estruturadas em temas principais: família e educação; atividades sociais/culturais; “escolha” do curso; expectativas profissionais. Dessa forma, podemos analisar e compreender a trajetória individual dos ex-alunos. Para preservar as informações de maneira sigilosa, utilizamos as letras do alfabeto para denominar cada egresso.

4.2.1 Trajetória de A.

A. é um homem extrovertido e de fala mansa, que em 2011, período em que cursou o ensino técnico, tinha 27 anos. Hoje está com 37 e o curso técnico em eletrotécnica permanece como grau máximo de estudo, seu trabalho se concentra em atuar como autônomo, fazendo pequenos reparos elétricos no bairro onde mora.

Família e educação

É filho único, criado pelo pai e pela mãe, morando com eles até sair de casa para morar com sua atual esposa. A casa onde vivem é dos pais dela e, no total, residem cinco pessoas: o

casal, os sogros e o cunhado. A. sempre estudou em escola pública e seus pais davam muito valor para educação do filho.

Eles achavam que a educação era muito importante. A escola sempre foi a base para eles, sempre me diziam que eu tinha que estudar, senão não seria nada na vida.

Apesar de dar muito valor ao ensino e incentivar o esforço de seu filho único, seus pais não cobravam com muito afincos suas notas.

Meus pais não cobravam muito que eu tirasse boas notas, queriam me incentivar, mas não cobravam muito, não.

Apesar da importância dada aos estudos por seus pais, eles não influenciaram diretamente na “escolha” do filho pelo curso técnico. Mas ainda assim o encorajavam na sua curiosidade em descobrir como as coisas funcionavam.

Participação direta dos meus pais não houve, mas desde pequeno eu gostava de quebrar as coisas para ver dentro, sempre me interessei em saber como as coisas funcionavam, eles deixavam eu fazer isso com algumas coisas.

Apesar de ser o local apropriado para conhecer mais sobre oportunidades educacionais, não houve influência direta da escola em sua “escolha” pelo curso técnico.

A escola não teve nenhuma influência na minha escolha. Nunca falaram sobre cursos técnicos.

Por incentivarem a educação, independente da “escolha” que o filho fez, os pais ficaram felizes, por saber que ele estudaria algo além da escola básica.

Meus pais ficaram felizes pela minha escolha, pois sempre me incentivaram a estudar.

Atividades sociais/culturais

A. sempre foi uma pessoa sociável, começou a namorar cedo, ele já era casado quando cursou o ensino técnico. As poucas atividades culturais e sociais que realizava, eram em sua maioria, acompanhadas da esposa.

Nós íamos pouco ao cinema, até mesmo por conta da correria, trabalho e estudo dos dois, mas quando os horários da gente combinavam, era o cinema a primeira opção.

Em relação às práticas familiares, tanto sua família quanto a de sua esposa, não tinham o costume de realizar atividades em conjunto.

Não fazíamos nenhuma atividade familiar, nem que envolvesse a minha família e nem a dela. Era basicamente só eu e ela mesmo, nós por nós.

O egresso não realizava muitas viagens, geralmente ocorria com a frequência de uma vez por ano, com o mesmo destino e companhia.

Como não tínhamos muito tempo e nem recurso, acabávamos viajando pouco, mas pelo menos uma vez por ano gostávamos de ir para praia. Eu e minha esposa.

Ele não tinha hábito de leitura, e sempre que sobrava tempo assistia televisão.

Sempre que dava gostava de assistir o jornal, para ter alguma informação, não assistia muito, pois era muito corrido.

“Escolha” do curso

O egresso não tinha informação prévia a respeito da eletrotécnica, não sabia exatamente qual a área de atuação, sabia apenas que tinha relação com elétrica, devido ao nome.

Eu não conhecia nada sobre eletrotécnica, não sabia nem o que era, mas tinha ideia que tinha relação com elétrica, eletricista, algo assim, por causa do nome. Não tinha orientação suficiente para saber o que era o curso.

Ele viu a Etec Jaraguá ao passar pelo bairro e decidiu fazer contato com a escola para saber os cursos que eram ofertados.

Eu vi que tinha uma escola técnica no bairro, sempre que passava em frente ficava curioso, via umas faixas na porta com os cursos e informações do processo seletivo. Certo dia fui até lá para saber melhor, aí me explicaram os cursos e dentre as opções a eletrotécnica foi o que mais me chamou atenção.

Ele escolheu o curso do Centro Paula Souza pelo fator econômico e a unidade Jaraguá devido à proximidade.

Eu já tinha ouvido falar do SENAI uma vez e me lembrava que era pago, o Centro Paula Souza era de graça, gostei quando descobri isso. Escolhi essa unidade da Etec por ser a mais próxima da minha casa, assim eu conseguiria trabalhar e fazer o curso.

Apesar de não conhecer nada sobre o curso, ele imaginava quanto um técnico ganhava no mercado de trabalho; e, no caso, a sua expectativa era quanto ele passaria a ganhar após a conclusão do curso.

Eu não lembro bem em valores, mas na época imaginava que o técnico em eletrotécnica ganhava bem, imaginava algo bem acima do salário mínimo da época. Os professores até chegaram a comentar sobre isso durante o curso.

Expectativas profissionais

A. desejava uma recolocação profissional ao cursar esse curso técnico.

Eu esperava arrumar um emprego melhor do que eu tinha naquele momento, parar de trabalhar na rua e arrumar uma empresa para trabalhar fixamente. Isso acabou se consolidando ainda durante o curso.

Para ele, o curso teve relevância na vida profissional. O egresso pôde comprovar a importância de estudar quando conseguiu uma oportunidade, assim como trabalhar na área.

Teve muita relevância, foi com esse curso técnico que eu comecei realmente entender que estudar era importante, apesar de ouvir isso a vida toda, eu só aprendi depois que o curso me ajudou a entrar na área, deixar de ser motoboy e ter um emprego fixo.

De modo geral, as suas expectativas foram atingidas com o curso, tendo aprendizados que lhe são úteis ainda hoje.

Ainda não atingi o que eu queria, não cheguei ao máximo que eu pretendia, dava para eu ter conseguido mais, mas tive problemas pessoais. Desanimei com o passar do tempo, mas os aprendizados obtidos através do curso me ajudam até hoje de modo geral.

4.2.2 Trajetória de B.

Homem extrovertido, de sorriso largo, com alto tom de voz, encontra-se hoje com 27 anos – quando cursou eletrotécnica estava com 17. Permaneceu com o curso técnico em eletrotécnica como grau máximo de escolarização, atuando na área como eletricista.

Família e educação

B. é filho único e morou durante toda sua infância com a mãe, na casa de sua tia-avó. Apesar de elas não terem tido muitas oportunidades de estudo na vida, acreditavam que a educação seria muito importante para o futuro do egresso.

Minha mãe tinha expectativas pela minha alfabetização, até porque minha família não tinha pessoas com grandes estudos. Para ela a escola serviria para me preparar para um futuro emprego e faculdade. Ela sempre me apoiou a estudar qualquer coisa. Não tinha importância o quê. O importante era estudar algo.

Por darem essa importância à educação, mãe e tia-avó cobravam de B. um bom empenho escolar guiado por boas notas, as cobranças eram grandes em sua casa.

As cobranças de nota sempre foram grandes, apesar de ser muito falante minhas notas eram boas na escola. Essa cobrança nunca foi na base de recompensa, tirar notas boas era minha obrigação, eu só fazia isso da vida.

Apesar da importância dada à educação por seus familiares, no que diz respeito à “escolha” do curso técnico, a influência partiu de um amigo de escola.

Minha família não teve nenhuma participação na escolha do curso. Foi um amigo meu de escola que me falou do técnico em eletro, ele iria prestar o vestibulinho, e como éramos amigos, ele me falou para fazer também para cursarmos juntos. Ele até pagou minha inscrição, pois minha mãe não teria condição de pagar assim de última hora, mas por fim eu passei e ele não.

A escola pública na qual estudava no ensino médio também não teve nenhuma participação.

A escola não teve nenhuma participação. Não havia nenhuma propaganda de divulgação. Os professores nunca nem mencionaram sobre curso técnico.

Sua mãe ficou muito feliz ao saber que havia sido aprovado e passaria a cursar o curso técnico.

Minha mãe ficou muito feliz, ela sempre me apoiou e incentivou a estudar. Por exemplo, no dia que fui fazer o vestibulinho, ela foi até a escola comigo para me incentivar.

Atividades sociais/culturais

B. nunca teve o hábito de sair, realizar passeios culturais ou encontros, raramente ia para cinema, museu ou teatro.

Não fazia muitas atividades desse tipo, era raro eu sair, uma vez ou outra ia ao cinema, pouquíssimo ao teatro ou museu. Minha mãe ia para igreja, às vezes eu ia junto.

Quanto às atividades familiares, eles tinham poucas, mas faziam duas coisas juntos: ir à igreja e assistir televisão.

Íamos para igreja juntos de vez em quando e assistíamos televisão juntos de noite, minha mãe e minha tia gostavam de assistir novela e futebol, eu ficava junto, gostava também.

Dada às condições materiais, B. e sua família não mantinham o costume de fazer viagens.

Simplesmente não viajávamos, não tínhamos como viajar, não tinha carro nem lugar para ir.

Ele não tinha o hábito de ler, preferia assistir televisão nas horas vagas, consumia muito os programas de comédia.

Eu não gostava de ler, preferia assistir televisão, gostava muito das séries de comédia, como "Eu, a patroa e as crianças". Assistia muito o programa "Pânico", também não tinha hábito de leitura

"Escolha" do curso

O egresso não tinha informações sobre curso técnico e foi somente após ter se inscrito no vestibulinho da Etec que saiu em busca de investigar sobre.

Eu não conhecia nada sobre curso técnico. Só passei a conhecer depois que me inscrevi para o vestibulinho, aí que fui pesquisar na internet e entendi um pouco mais sobre isso.

O principal motivo para decidir fazer o curso técnico foi conseguir um bom emprego, ele acreditava que somente o ensino médio não seria suficiente para isso.

Eu tinha em mente que só o ensino médio não seria o suficiente para arrumar um bom emprego. Eu tinha expectativas de cursar uma faculdade e esperava o retorno após o curso para conseguir. Precisava arrumar um emprego, não tinha um segmento específico, o que aparecesse de bom eu aceitaria.

O egresso não sabia o que era o Centro Paula Souza, até mesmo porque desconhecia a modalidade de ensino técnico, mas a proximidade de uma das unidades em seu bairro foi um dos motivos que contribuiu para o acesso dele a essa modalidade de ensino.

Eu não tinha nenhum motivo específico para ter escolhido o Centro Paula Souza, nem sabia o que era quando resolvi fazer o técnico. O que me motivou a escolher a Etec Jaraguá, foi porque era a única que tinha na região, era a mais próxima do meu bairro.

Após tomar maior conhecimento a respeito do ensino técnico, B. passou a considerar trabalhar na área e receber um salário que julgava bom.

Depois que conheci o que era curso técnico e o que era eletrotécnica, eu achei que depois de formado, poderia arrumar um emprego para receber um salário por volta de R\$2.000,00 mensais.

Expectativas profissionais

Ao ser indagado sobre qual era a sua principal expectativa após a conclusão do curso técnico em eletrotécnica, a resposta foi direta.

Eu queria conseguir um emprego bom com mais facilidade.

Apesar de concluído o curso e não ter conseguido o emprego que imaginava, ele considera que o curso foi relevante em sua vida profissional, pois proporcionou a inserção no mercado de trabalho.

Teve relevância na minha vida, pois me ajudou a conseguir um serviço. Não foi exatamente como eu imaginava, mas era na área da eletro e foi importante para mim (sic) começar.

Segundo o entendimento do próprio egresso o curso atendeu em parte suas expectativas, no entanto, poderia ter aproveitado mais.

As expectativas com o curso técnico em eletrotécnica foram atingidas em partes, pois eu poderia ter aproveitado mais do curso, mas sempre estamos mudando e aprendendo mais a cada dia.

4.2.3 Trajetória de C.

C. é um homem introvertido, de baixo tom de voz e sorriso tímido. Iniciou o curso com 16 anos e hoje encontra-se com 26. O curso técnico permanece sendo seu nível mais alto de formação até o momento, mas iniciou recentemente a faculdade em administração. Encontra-se desempregado no momento.

Família e educação

Ele é filho único, criado por pai e mãe, na casa própria da família, onde reside até hoje. Seus pais sempre depositaram muito valor na educação do filho.

Meus pais esperavam que a escola fosse me preparar para entrar na faculdade, exigiam que eu tivesse boas notas, fosse para as aulas com frequência e aproveitasse ao máximo.

Seus pais lhe cobravam bom desempenho, principalmente sua mãe, e ele costumava tirar boas notas na escola.

Eles cobravam boas notas, mas eu geralmente já tinha boas notas. Em poucos casos que eu acabei não indo bem em alguma matéria, minha mãe pegou no meu pé, mas na maior parte dos casos não houve problema.

Apesar da cobrança seus pais não tiveram participação na “escolha” pelo curso técnico em eletrotécnica.

Eles não participaram da escolha do curso. Eu descobri a eletrotécnica por estudar o ensino médio na Etec Jaraguá. Meus pais nem sabiam que existia esse curso. Me apoiaram quando eu contei, mas a escolha partiu de mim.

Para ele a escola teve papel na decisão de cursar eletrotécnica ao divulgar os cursos ofertados. Aqui vemos uma relação entre o fato de já estudar na Etec e a decisão de fazer um curso técnico.

Eu fazia ensino médio na Etec, a escola divulgou os cursos técnicos que ela tinha. Foi assim que conheci a eletrotécnica, me interessei e fui pesquisar para saber do que se tratava.

Seus pais gostaram da ideia do filho cursar um curso técnico em eletrotécnica, apesar de não terem influenciado na “escolha” pelo curso em questão.

Meus pais gostaram da ideia, acharam que seria algo bom para mim e me apoiaram para fazer o curso.

Atividades sociais/culturais

C. foi sempre uma pessoa introvertida, pouco sociável. Não tinha muitos amigos e passava a maior parte do tempo em casa, até mesmo pela superproteção dos pais. Não realizava muitas atividades sociais/culturais.

Eu não tinha costume de sair, mas de vez em quando ia com meus pais ao shopping, íamos ao cinema.

As poucas atividades realizadas em família eram as idas ao shopping, isso devido, principalmente, a falta de tempo do pai.

Talvez a maior atividade em família que fazíamos era essa mesmo de ir ao shopping, comer alguma coisa e ir ao cinema. Gostava desses momentos. O restante eram coisas do dia a dia, almoçava com minha mãe, meu pai estava no trabalho, só nos víamos à noite.

As viagens eram sempre em família, não eram tão frequentes, ocorriam nas férias do pai e o destino mais comum era a praia.

Geralmente íamos para praia nas férias do meu pai. Alugávamos alguma casa em Itanhaém ou São Sebastião. Eu gostava, achava divertido e relaxante, sempre gostei do mar.

O egresso tinha hábito de leitura, gostava de ler livros de ficção científica, no tempo livre também assistia televisão e gostava de acompanhar os clipes musicais.

Gostava de ler ficção científica, li bastante “O Guia do Mochileiro das Galáxias”. E praticamente todos os dias assistia a MTV, assistia os clipes que passavam lá e no canal 21.

“Escolha” do curso

As informações a respeito do curso foram adquiridas a partir da divulgação da própria escola e, até então, C. não conhecia nada sobre eletrotécnica.

Eu não tinha conhecimento do que era curso técnico, mas vi as informações da grade curricular divulgada pela escola e acabei gostando da grade de eletrotécnica, em comparação com os demais cursos ofertados. Posteriormente, pesquisei um pouco mais sobre o curso na internet depois de o ter escolhido.

O egresso tinha como objetivo acessar a faculdade e viu no curso técnico uma oportunidade de adquirir conhecimentos prévios que o ajudariam posteriormente, mas, sobretudo, a maior motivação foi o ideal de que, após cursar eletrotécnica, conseguiria se inserir no mercado de trabalho com facilidade.

Eu buscava conseguir um estágio ou um trabalho logo após terminar o curso para fazer uma faculdade. Eu esperava aprender sobre instalações elétricas residenciais e prediais, reunindo os conhecimentos prévios para me ajudar posteriormente na faculdade. Meu foco era fazer uma graduação em engenharia civil depois.

O fato de o curso ser gratuito e já fazer o ensino médio nessa escola foram as principais motivações para fazer o curso técnico no Centro Paula Souza. A unidade Jaraguá foi escolhida pela proximidade.

Fiz no Centro Paula Souza, primeiramente pelo curso ser gratuito, eu morava bem perto da escola e eu já fazia o ensino médio na unidade Jaraguá, já conhecia o nível de ensino da escola.

Apesar de não conhecer muito do mercado de trabalho, o egresso tinha uma ideia de valor recebido por um técnico formado.

Eu não tinha uma ideia muito clara de como era o mercado dessa área, mas achava que poderia receber algo entre R\$2.000,00 e R\$4.000,00 após a formação.

Expectativas profissionais

As principais expectativas após o curso era conseguir um emprego na área e iniciar uma faculdade.

Após o término do curso, minha expectativa era arrumar um emprego na área da eletrotécnica e prosseguir com os estudos.

Apesar de não ter conseguido adentrar ao mercado de trabalho por intermédio do curso, o egresso reconhece que o técnico ainda poderá ter relevância em seu currículo.

Ainda não teve uma relevância na minha carreira, pois eu nunca atuei nessa área, mas acho que ainda poderá me ajudar, o curso será sempre um diferencial no meu currículo.

As suas expectativas com o curso técnico não foram atingidas e o egresso deposita agora as suas esperanças na faculdade.

As expectativas que eu tinha após o término do curso não foram atingidas, mas se tudo der certo, assim que eu acabar a faculdade, irei arrumar o emprego que eu desejo.

4.2.4 Trajetória de D.

D. é um homem que apresenta certa tranquilidade na voz e tem riso fácil. Ele iniciou o curso com 17 anos e hoje encontra-se com 27. Alguns anos após a conclusão em eletrotécnica, cursou outro técnico, desta vez em mecatrônica. Ele trabalha atualmente numa faculdade, como auxiliar administrativo e pretende cursar engenharia civil mediante a concessão de bolsa.

Família e educação

O egresso cresceu numa família formada pelo pai, mãe e um irmão. Todos moravam em uma casa cedida por parentes. Seus pais sempre valorizaram a educação e o discurso era que através dela o filho conseguiria um bom emprego.

Para eles era muito importante, era uma forma de garantir um futuro. Eu deveria estudar para conseguir um bom trabalho e ganhar bem.

A cobrança em relação ao desempenho escolar era moderada, porém, os pais cobravam notas e um bom comportamento do filho.

A cobrança era moderada, eles tinham preocupação para eu não ir mal na escola, tirar boas notas e não fazer muita bagunça, mas não era excessivo.

Seus pais não influenciaram na “escolha” pelo curso técnico, mas sempre desejaram que o filho estudasse, não importava o quê.

Não teve participação nenhuma, meus pais não opinaram sobre o que eu deveria estudar, só queriam que eu estudasse.

A escola não teve influência na decisão de cursar o técnico e ele não conheceu essa modalidade de ensino através da escola.

Não teve influência por parte da minha escola, na época eu fazia o ensino médio e nunca ouvi nada na escola sobre a Etec.

Os pais reagiram bem com a notícia de que o filho havia escolhido cursar um curso técnico em eletrotécnica, apesar de não saberem exatamente do que se tratava o curso.

Eles acharam bem interessante, expliquei para eles o que era eletrotécnica, eles gostaram da minha escolha.

Atividades sociais/culturais

D. não tinha o costume de sair para locais com muita aglomeração, poucas vezes foi ao cinema, nunca foi ao teatro, gostava de ir ao museu em dias mais tranquilos e, principalmente, à igreja.

Eu nunca gostei de ir em lugares muito cheios, evitar aglomerações, muito barulho, sempre fui bem tranquilo. Eu gostava de ir aos museus nos dias de semana, sempre que dava, e ia na igreja quase todo domingo.

As atividades familiares ficavam por conta das idas à igreja e da reunião para o almoço após a missa.

Acho que o que mais fizemos em família foi ir à igreja aos domingos, sempre íamos cedo e depois almoçamos juntos assistindo televisão.

As viagens ocorriam ao menos uma vez por ano, quando iam visitar parentes em Minas Gerais.

A gente viajava todo ano para Extrema, Sul de Minas, para visitar a família da minha tia, irmã da minha mãe. Era um lugar bem tranquilo, ficava no interior da cidade.

Ele não tinha o hábito de ler, somente o que a escola exigia. No tempo livre gostava de jogar e assistir televisão.

Eu lia os conteúdos que a escola passava, mas não tinha livros em casa para ficar lendo outras coisas. No tempo livre eu jogava videogame e assistia televisão, via séries de comédia, estilo sitcom.

“Escolha” do curso

D. não conhecia o curso de eletrotécnica e passou a conhecer através de pesquisas na internet, devido a relação dessa área técnica com o metrô, algo que ele gostava de pesquisar.

Eu não conhecia nada sobre eletrotécnica. Eu passei a conhecer após pesquisar na internet. Eu achava interessante o metrô, e pesquisando sobre isso achei esse nome estranho, fui pesquisar o que era e vi que era uma profissão, aí depois pesquisei e vi que tinha cursos sobre isso.

O principal motivo pela “escolha” do curso foi sua admiração por trens e metrôs, tinha o sonho de poder trabalhar nessa área e a eletrotécnica poderia ser um meio de conseguir.

Eu desde pequeno era fascinado por trem e metrô, então tinha em mente que quando crescesse iria trabalhar com isso. Depois que terminasse esse curso esperava fazer uma faculdade na área de eletromecânica e quem sabe um dia poder ir trabalhar no metrô de São Paulo.

O motivo de ter escolhido o curso técnico do Centro Paula Souza se deu pela gratuidade do ensino; e a unidade Jaraguá em específico foi por conta da proximidade e a baixa concorrência pelo curso.

Eu escolhi fazer o curso do Centro Paula Souza pela gratuidade, no SENAI era pago. A Etec Jaraguá eu escolhi por ser perto da minha casa, até tinha a unidade Basilides de Godoy, mas ficava mais longe e a concorrência pelos cursos era bem maior.

Suas buscas pelo curso rapidamente geraram curiosidade sobre o salário do profissional dessa área, o que resultou numa resposta satisfatória para o egresso.

Essa foi uma das minhas pesquisas depois de conhecer o curso e pelo que tinha visto o salário era algo por volta de uns R\$2.500 por mês. Já estava ótimo para mim.

Expectativas profissionais

Sua principal expectativa ao cursar a eletrotécnica era poder arrumar um trabalho em torno daquilo que ele sempre admirou, o metrô.

O que eu mais queria era entrar no mercado de trabalho e começar a trabalhar no metrô ou em alguma empresa de engenharia, distribuição de energia, de preferência algo que estivesse próximo disso.

Apesar de não ter atingido suas expectativas profissionais, ele acredita que o curso teve relevância em sua vida, pois serviu e ainda servirá como base em outros estudos.

Eu acho que teve relevância sim, apesar de nunca ter trabalhado na área, eu acabei migrando para mecatrônica e a eletrotécnica me ajudou muito. Pretendo cursar engenharia civil agora e acho que também me ajudará.

Após os dez anos desde a formação técnica, ele conclui que o curso de eletrotécnica não atendeu às suas expectativas, isso porque acabou passando muito tempo aprendendo coisas teóricas que não puderam ser colocadas em prática. E quando teve contato com o mercado de trabalho, o que havia aprendido no curso não foi suficiente, fato que o obrigou a complementar os estudos com outros cursos.

Somente o curso técnico em eletrotécnica não atendeu as minhas expectativas. Ele foi importante para abrir uma porta, mas o que mais me valeu foram as experiências na área e os cursos que fiz posteriormente. Na hora de procurar emprego acabei sendo jogado para partes práticas, que não tinha conhecimento, o curso me preparou muito para coisas que não enfrentei no mercado de trabalho.

4.2.5 Trajetória de E.

E. é uma mulher sorridente, de fala mansa e que se comunica muito bem. No período em que cursou o técnico tinha 18 anos, hoje está com 28. Alguns anos após o técnico em

eletrotécnica ela cursou e se graduou em jornalismo. Atualmente trabalha como auxiliar de conteúdo de uma rede social.

Família e educação

No período em que cursou o ensino técnico ela morava com seus pais e um irmão, em casa própria. A educação sempre foi muito valorizada pelos seus responsáveis, seu pai, em especial, sempre foi muito rígido com ela.

A escola era muito importante para eles, sempre cobraram que eu fosse bem nas matérias, iam sempre nas reuniões de pais. Meu pai sempre foi muito rígido comigo e exigia muito de mim.

A cobrança sobre desempenho e notas era alta, sempre partindo muito mais do pai do que da mãe.

As cobranças das notas eu diria que eram média alta, em casa meu pai sempre cobrou mais do que minha mãe.

Segundo E., seus pais não tiveram participação nenhuma na “escolha” do curso, a decisão dela de fazer o ensino técnico foi contra a vontade do pai, e requereu um tempo de convencimento até a aceitação. Naquele momento ele preferia que ela continuasse no emprego, algo que não seria possível conciliar com o estudo.

Meus pais tiveram zero participação. Eu escolhi o curso escondido, pois para estudar o técnico, que era de tarde, eu teria que sair do trabalho e meu pai não queria que eu largasse o emprego. Minha mãe é que me apoiou muito.

As escolas que E. estudou não tiveram nenhuma influência na “escolha” dela pelo ensino técnico.

Sempre estudei em escola pública e não houve nenhuma influência nem incentivo delas para eu ter decidido fazer o técnico.

Seus pais tiveram reações diferentes após ela contar que iria cursar o técnico em eletrotécnica: o pai não aceitou facilmente e foi a mãe que ajudou a convencê-lo da ideia.

A reação do meu pai foi negativa, mas minha mãe aceitou minha escolha. Posteriormente, meu pai também aceitou, minha mãe o ajudou a entender, mas no início ele não gostou, pois eu teria que sair do meu serviço para me dedicar ao estudo.

Atividades sociais/culturais

E. era mais tímida no período que antecedeu o curso técnico, mas se socializava da forma que podia com os poucos amigos e tempo livre que tinha. Das atividades culturais que fazia com mais frequência, ela destacou as idas ao cinema e museu.

Quando eu conseguia uma folga do serviço e me sobrava um dinheiro, eu ia com minha amiga ao cinema, na média íamos uma vez por mês. Outro lugar cultural que eu gostava de ir era no museu, mas esse acontecia com menor frequência.

Seus familiares não tinham o costume de se reunir, nem realizar atividades/programas em família.

Não realizávamos nenhum programa em família no dia a dia, sabe. Não tínhamos costume de sair juntos e quando estávamos em casa, cada um fazia suas coisas.

Em relação às viagens, quando o pai pegava férias e juntava dinheiro, o que ocorria geralmente no final do ano, realizavam uma viagem para a praia.

Nós praticamente não viajavamos ao longo do ano, pois meu pai trabalhava bastante, mas quase todo final de ano quando ele saía de férias nós íamos para o Guarujá, gosto muito de praia. Passávamos o ano novo lá.

Durante seus trajetos diários, a egressa mantinha seus hábitos de leitura, tendo preferência por seu gênero favorito: romance.

Eu lia no trajeto para o trabalho, gostava de ficção científica, mas sem dúvidas, os preferidos eram os romances.

“Escolha” do curso

Ela não tinha nenhuma informação sobre cursos técnicos e nem ideia do que era eletrotécnica, buscando as informações no site da escola.

Eu não tinha informações sobre o que era curso técnico, muito menos eletrotécnica, basicamente só fui conhecer um pouco através do site da Etec Jaraguá.

E. escolheu cursar o técnico em busca de recolocação profissional, pois pretendia deixar de ser costureira e arrumar um emprego que lhe proporcionasse as condições materiais para cursar uma faculdade.

Pesquisei sobre escolas técnicas na internet, e fui a que era mais perto de casa. Não gostei dos outros cursos ofertados, então decidi fazer esse. Eu buscava ter uma outra profissão, pois na época trabalhava como costureira e estava infeliz. Meu objetivo era arrumar um emprego na área e fazer uma faculdade posteriormente. Após terminar o curso não adentrei ao mercado, como eu gostaria, mas, posteriormente, fiz o cursinho pré-vestibular da poli e entrei na faculdade.

Ela escolheu o Centro Paula Souza por achar que era mais fácil de entrar e a Etec Jaraguá pela proximidade de casa.

Escolhi o Centro Paula Souza, porque na minha cabeça o SENAI era muito difícil de entrar, eu não tinha muito acesso às informações. A Etec Jaraguá era a mais próxima do bairro em que eu morava (Perus).

Apesar de pouco conhecer a modalidade de ensino técnico, ela tinha ideia de valores que um técnico receberia no mercado de trabalho.

Eu não conhecia muito, mas imaginava que o salário de um técnico em eletrotécnica era uns R\$3.000,00 para iniciantes na área e chegaria até uns R\$5.000,00 para os mais experientes.

Expectativas profissionais

Sua principal expectativa ao cursar o técnico era conseguir trabalho rápido, mas, segundo a própria egressa, enfrentou dificuldade social que a impediu de concretizar seu objetivo.

Minha expectativa era começar a trabalhar rapidamente com esse curso, mas não consegui me colocar no mercado de trabalho, devido ao machismo dessa área. Fiz uma série de entrevistas, mas não consegui passar em nenhuma.

Apesar de não ter conseguido atingir as suas expectativas ao cursar o técnico em eletrotécnica, acredita que, em partes, o curso foi relevante na sua vida.

Teve relevância em partes. Nos aspectos de avanço pessoal, me ajudou a desenvolver a comunicação, ser menos introspectiva. Mas não usei nada da parte teórica do curso, nunca consegui entrar na área da eletrotécnica por causa do machismo do mercado, mas me foi útil para o desenvolvimento pessoal e o trabalho em equipe aprendido no curso técnico.

Ela considera ter atingido suas expectativas profissionais após os dez anos de conclusão do curso, apesar destas não terem relação nenhuma com a modalidade de curso escolhida na época.

Hoje em dia, profissionalmente falando, as minhas expectativas profissionais foram atingidas, mas nada tem a ver com o técnico em eletrotécnica. Talvez, mesmo tendo cursado qualquer outra coisa, o resultado teria sido o mesmo.

4.2.6 Trajetória de F.

Um homem calmo, de aspecto tranquilo e sorriso fácil. Hoje com 26 anos, na ocasião do curso tinha 16. Posteriormente ao curso, migrou de área e se graduou em direito internacional. Atualmente presta serviço como assistente internacional para empresas.

Família e educação

F. é o filho mais novo da família, seus três irmãos deixaram a casa dos pais cedo, sendo assim, a maior parte de sua criação foi como a de um filho único. Seus pais apesar de terem pouco estudo, valorizavam muito a educação.

Meus pais não tiveram muito estudo, então para eles, a escola era muito importante, principalmente pelas portas que os estudos poderiam abrir para mim no futuro.

Seus pais cobravam um desempenho escolar satisfatório e para o egresso essa cobrança era justa.

Era uma cobrança justa, se tirasse vermelho não brigavam pesado comigo, mas insistiam para que eu me dedicasse para tirar boas notas, isso era importante para eles.

Seus pais não influenciaram na “escolha” pelo curso técnico, apenas desejavam que o filho estudasse.

Não houve uma interferência deles, eles só queriam que eu estudasse, não importava o que fosse. Quando descobri que tinha uma Etec perto de casa, fui contar para eles, e eles me explicaram o que era. Aí posteriormente fui ver os cursos que tinham lá.

Um fator importante para conhecimento do ensino técnico foram os professores do ensino médio.

A escola diretamente não influenciou na minha escolha, mas os meus professores do ensino médio comentaram em algumas aulas sobre a Etec que existia aqui no bairro, ela era relativamente nova e abriria processo seletivo no final daquele ano.

Seus pais aprovaram a “escolha” pelo curso técnico em eletrotécnica, apesar de não saberem exatamente do que se tratava.

Eles gostaram de saber que eu iria fazer eletrotécnica, não sabiam exatamente o que era, e naquela época nem eu, mas ficaram felizes pela minha escolha. Lembro da felicidade deles quando vimos no site da Etec que eu tinha passado.

Atividades sociais/culturais

F. nunca teve muita liberdade para sair, geralmente quando isso ocorria era com os pais ou quando os irmãos o levava e geralmente iam ao parque ou shopping.

Eu não tinha costume de sair, o bairro aqui do Jaraguá sempre foi meio perigoso então quando saía era com meus pais ou meus irmãos, a gente ia para alguns parques ou shopping.

A principal atividade familiar realizada por eles era o almoço de domingo, que quase sempre contava com a presença de um dos filhos e os seus pais.

Quase todos os domingos um ou mais irmãos iam em casa para ver meus pais e almoçar com a gente, eram nesses momentos que, às vezes, conseguíamos reunir a família toda.

O egresso não tinha costume de viajar, devido às condições financeiras e ao trabalho do pai.

A gente não viajava muito, meu pai era cabeleireiro e vivíamos do sustento do salão que ficava na nossa garagem, não podia fechar nunca, então era muito difícil a gente viajar.

Além de manter o hábito da leitura, gostando dos contos de aventura, F. também acompanhava programas de comédia na televisão.

Além das leituras da escola eu gostava de ler histórias de aventura, eu tinha uns livros em casa, mas lia no computador também. Na televisão eu gostava de assistir desenhos e programas de humor.

“Escolha” do curso

O egresso não conhecia nada sobre eletrotécnica antes de ir na escola ver os cursos ofertados.

Eu não sabia o que era eletrotécnica, nunca tinha ouvido falar.

O que mais motivou F. a cursar a eletrotécnica foi a possibilidade de conseguir trabalhos autônomos, o que julgava ser mais fácil do que arrumar um emprego formal, podendo assim, passar a ajudar a compor a renda familiar com mais rapidez.

O que me motivou a fazer esse curso foi que, diferente dos outros ofertados, com a eletrotécnica eu poderia conseguir trabalhos autônomos na área, como conserto de equipamentos elétricos, reparos em instalações etc. Achei que teria mais chances de poder ajudar em casa e pagar meus estudos.

Não tinha motivo específico para ter escolhido o Centro Paula Souza, o que o motivou a cursar na Etec Jaraguá foi a proximidade de sua casa.

Eu não tinha um motivo específico para estudar no Centro Paula Souza, além da proximidade da minha casa.

Apesar de não ter uma ideia quantitativa do salário, ele imaginava que o técnico em eletrotécnica ganhava bem.

Eu não sabia exatamente quanto o profissional formado ganhava, mas achava que ganhava bem.

Expectativas profissionais

Sua expectativa era finalizar o curso, arrumar um trabalho para poder ajudar seus pais e pagar uma faculdade para mudar de área.

A minha expectativa era acabar logo o curso e conseguir um emprego para ajudar meus pais e, com o restante, pagar uma faculdade em outra área, pois já tinha visto que não seria algo que eu iria querer fazer para sempre.

Para ele o curso teve relevância na sua vida profissional, pois conseguiu adentrar ao mercado de trabalho em função da eletrotécnica, embora hoje em dia tenha mudado de área.

O curso técnico teve relevância, pois me ajudou a iniciar a vida profissional, consegui meu primeiro emprego por causa dele. Apesar de hoje não servir para mais nada, profissionalmente falando.

F. considera que suas expectativas profissionais foram atingidas, apesar de não seguir a carreira de eletrotécnico.

Eu acredito que sim, apesar de não ser o suficiente, pois ainda quero melhorar muito mais, mas as minhas expectativas profissionais foram atingidas. Mesmo não tendo nada a ver com o técnico, eu consegui um emprego bacana, ganho um salário suficiente para pagar minhas contas e ajudar minha mãe.

4.2.7 Trajetória de G.

G. é um homem simpático de sorriso largo e jeito extrovertido, cursou o técnico com 17 anos e hoje está com 27. Atualmente permanece com o técnico em eletrotécnica como grau máximo de estudo. Recentemente iniciou a faculdade de engenharia civil, o que lhe possibilitou um estágio numa empresa de construção civil.

Família e educação

Ele é o filho do meio, está entre dois irmãos de idade aproximada, de uma família formada por cinco pessoas morando em casa própria. Seus pais sempre valorizaram a educação dos filhos.

Meus pais sempre incentivaram a gente a estudar, diziam que seria importante para nós e realmente foi.

Seus pais eram bem rígidos, cobrando com afinco o bom desempenho escolar de todos os filhos.

Eles ficavam bem em cima da gente, eram rígidos, nós estudávamos todos juntos, na mesma escola, a gente aprontava bastante também.

Os pais não tiveram participação na “escolha” pelo técnico em eletrotécnica.

Não teve participação deles, fiquei sabendo do curso na escola técnica que eu estudava.

A escola técnica em que cursava o ensino médio teve papel importante, pois divulgou os cursos técnicos ofertados pelas unidades dos bairros vizinhos.

Eu fiquei sabendo do curso na escola que fazia o ensino médio, pois era uma outra escola técnica, outra Etec, lá eles divulgaram os cursos das outras unidades.

Ao saber da intenção do filho de cursar eletrotécnica, os pais perguntaram se era isso mesmo que o filho queria e após a confirmação, apoiaram sua “escolha”.

Quando falei pra eles que queria cursar a eletrotécnica, eles perguntaram se era isso mesmo que eu queria, se eu tinha certeza da minha escolha e então me apoiaram.

Atividades sociais/culturais

G. e sua família não tinha o hábito de sair, não realizavam passeios, ele passava os momentos de lazer jogando bola com os irmãos na rua de casa.

A gente não costumava sair não, mas cresci na rua de casa com meus irmãos jogando bola. Até começar a fazer o técnico, ficávamos praticamente todas as tardes na rua.

Sua família não costumava praticar atividades em conjunto, o que mais se aproximava de um programa familiar era quando parte da família se reunia para acompanhar jogos de futebol na televisão.

A gente não tinha esse costume de reunir todo mundo para fazer as coisas, mas algumas vezes, quando tinha algum jogo importante eu e meu pai assistíamos juntos.

Quando era possível a família viajava para praia, geralmente no período de férias escolares.

A gente gostava de ir para praia, era bem divertido quando a gente conseguia viajar nas férias.

O egresso não tinha o hábito de leitura, apenas as leituras obrigatórias da escola. Gostava de assistir programas de comédia e futebol na televisão.

Eu só lia os textos da escola mesmo, na Etec tinha bastante conteúdo. Eu assistia bastante televisão, gostava de futebol e de assistir o programa “Pânico na TV”, lembro que na época era o que todo mundo comentava.

“Escolha” do curso

Antes da divulgação do curso pela escola em que cursava o ensino médio, ele desconhecia completamente a eletrotécnica.

Até ouvir falar disso na escola, eu não conhecia nada.

Dentre as razões que o levaram a optar pelo curso de eletrotécnica, ele destaca sua afinidade com a disciplina de física e o desejo de conseguir um bom emprego.

Gostava da disciplina de física na escola, achei que teria a ver fazer esse curso, esperava conhecer melhor a profissão e conseguir um bom emprego. Após o curso esperava arrumar um emprego na área e seguir para graduação em engenharia.

O egresso cursou o técnico no Centro Paula Souza, pois já estudava em uma de suas escolas e sabia que o ensino seria gratuito. A unidade da Etec Jaraguá foi escolhida pela proximidade.

Porque eu já estudava em uma escola deles, sabia que o curso era grátis, só teria que passar no vestibulinho. Acabei indo para a Etec Jaraguá porque era a unidade mais perto que tinha o curso que eu tinha me interessado.

Apesar de não ter muitas informações a respeito do curso escolhido, o salário do técnico formado em eletrotécnica era uma de suas preocupações.

Eu ficava pensando nisso, pesquisei sobre, mas na época não tinha muita informação como hoje. Durante o curso ouvi dizer que seria algo em torno de uns R\$2.500.

Expectativas profissionais

O egresso tinha grandes expectativas profissionais ao cursar o técnico, algo que não se concretizou.

Eu viajava na imaginação, imaginava que eu iria acabar e já iria entrar no mercado de trabalho dominando tudo, mas depois descobri que não era assim.

G. atualmente cursa graduação em engenharia civil, e atribui ao curso técnico uma relevância, à medida que lhe proporciona um conhecimento maior do que os demais colegas nas disciplinas de elétrica.

Sim, o curso teve relevância para mim. Hoje eu faço a engenharia civil com uma noção de elétrica diferenciada dos meus colegas.

Para ele, as expectativas profissionais não foram atingidas ao cursar o técnico em eletrotécnica, pois acabou não conseguindo o trabalho que esperava. Mas acredita que agora com a engenharia civil, alcançará suas expectativas profissionais.

Eu não atingi as expectativas profissionais, apesar do curso me ajudar até hoje como base na faculdade, mas não consegui arrumar um bom emprego que esperava. Mas agora com a engenharia, minhas expectativas profissionais são maiores.

4.2.8 Trajetória de H.

H. é um homem de riso fácil, extrovertido. Hoje está com 26 anos, mas à época tinha 16. Logo após o curso de eletrotécnica iniciou sua graduação em engenharia de produção e atualmente trabalha como assessor de investimentos.

Família e educação

Foi criado pelos pais e irmã na casa de sua avó paterna. Seus pais valorizavam muito a educação.

A valorização era alta, me incentivaram a estudar, pois a escola seria muito importante para minha vida. Se preocupavam em me colocar em boas escolas, não necessariamente para ter boas notas, mas sim para evitar as más companhias. Era importante para eles que eu completasse os estudos para ser alguém na vida.

Apesar da falta de tempo, seus pais o incentivaram a estudar, não cobravam, especificamente, notas, mas sim o afincou pela educação.

Meus pais não cobravam muito nota, eles nem iam às reuniões de escola com frequência por causa do serviço deles, eles não tinham muito tempo. Eles diziam para mim que eu deveria correr atrás dos meus estudos, se não estudasse iria ficar para trás.

Seus pais cobravam que ele buscasse uma área para se profissionalizar, mas a “escolha” pelo curso de eletrotécnica ficou a cargo do próprio egresso.

Meus pais me incentivaram a estudar, não especificamente o curso técnico em eletrotécnica, mas eles me incentivaram a buscar uma profissão. Fui eu que escolhi o curso de eletrotécnica entre as opções que a escola oferecia.

A escola teve influência na “escolha” pelo curso técnico, não em eletrotécnica em si, mas os professores da Etec incentivavam os alunos do ensino médio a ingressarem em algum curso técnico.

A escola onde fiz o ensino médio era uma Etec, os professores e o corpo de direção incentivaram nossa entrada no técnico.

Apesar de não participarem diretamente na “escolha” pelo curso ofertado, seus pais ficaram felizes pela decisão do filho e o apoiaram.

Meus pais gostaram da escolha, principalmente porque eu já havia dito que gostaria de fazer faculdade de engenharia um dia. Eles acharam válida a escolha.

Atividades sociais/culturais

H. não tinha hábito de sair com amigos ou parentes, passava a maior parte do tempo em casa, sendo a igreja o único lugar que mantinha maior frequência, na qual ia com seus pais.

Eu ficava muito em casa, não tinha muitos amigos além da escola e os da igreja. Via eles de final de semana quando ia com meus pais ao culto.

As atividades familiares eram frequentar a igreja aos finais de semana e almoços em datas comemorativas.

O programa em família que fazíamos era ir na igreja aos finais de semana. E fazer almoços especiais, todos juntos, na páscoa, natal, ano novo. Em datas comemorativas almoçava toda a família.

Nas férias a família viajava para o interior de São Paulo, para visitar parentes.

A gente viajava nas férias, íamos para o interior de São Paulo, lá em Cravinhos e Serrana, na casa dos parentes da minha mãe.

O egresso lia bastante a bíblia e na televisão o que mais gostava de assistir era desenhos.

Quando era menor eu lia muito a bíblia, meus pais incentivaram isso na gente. E sobre o que eu assistia, eu gostava de ver desenhos na Globo e no SBT.

“Escolha” do curso

H. não tinha nenhuma informação prévia sobre o curso de eletrotécnica, ficou sabendo após a escola divulgar o curso; e apenas durante o decorrer do curso foi que passou a compreender o que era de verdade.

Eu não sabia nada sobre eletrotécnica, só fui saber um pouco depois que os professores disseram para gente sobre os cursos que teriam para gente prestar o vestibulinho. Mas saber mesmo sobre o que era, eu só fui saber durante o curso, depois que comecei a estudar lá.

O fato de fazer o ensino médio na Etec o aproximava da ideia de entrar em um curso técnico. A eletrotécnica foi a que mais lhe chamou atenção, pois tinha o desejo de no futuro cursar engenharia, e dentre as opções ofertadas pela escola era a que mais se aproximava.

O curso era ofertado na escola que eu já fazia o ensino médio, mas não tinham muitas opções de curso, era apenas informática, administração e logística, acreditei que a eletro seria mais útil para mim, pois se assemelhava com o que eu gostaria de cursar futuramente na universidade. Minha expectativa era aprender o suficiente para passar a trabalhar com instalações residenciais e reunir uma base de conhecimento para me ajudar posteriormente no ingresso à faculdade de engenharia.

O fator principal para ter cursado o técnico do Centro Paula Souza, e justamente na unidade Jaraguá, foi a comodidade de já cursar o ensino médio na instituição, evitando assim maiores deslocamentos.

Fiz o curso técnico no Centro Paula Souza porque eu já estudava nele, fazia o ensino médio lá. E a Etec Jaraguá foi escolhida porque era a unidade mais próxima do meu bairro. A Etec de Pirituba ainda não existia, teria que ir para o Jaraguá ou Leopoldina.

Em sua imaginação, na época em que ingressou no curso, um técnico em eletrotécnica ganhava um bom salário.

Eu imaginava que ganhava bem, algo em torno de uns R\$3.000,00 ou R\$4.000,00 por mês.

Expectativas profissionais

Ao longo do curso, sua expectativa era se formar técnico, conseguir um bom emprego e dar continuidade aos estudos com a faculdade.

A minha expectativa era conseguir um emprego na área de eletrotécnica e continuar os estudos para cursar engenharia elétrica. Não foi exatamente o que ocorreu.

Para ele o curso teve relevância, apesar de não ter conseguido trabalho na área; ter cursado eletrotécnica serviu como um diferencial no currículo. E os conhecimentos adquiridos o ajudaram na faculdade de engenharia.

Acho que teve relevância, pois ele me ajudou a conseguir o primeiro emprego, mesmo não sendo na área do técnico, acho que ter ele no currículo foi um diferencial. Posteriormente o que aprendi no curso também serviu de base na faculdade de engenharia de produção. Se eu tivesse só o conhecimento do ensino fundamental e médio eu provavelmente não teria conseguido fazer a engenharia e nem teria o emprego atual.

Suas expectativas profissionais com o curso não foram atingidas, pois acabou não seguindo na área.

As expectativas profissionais acabaram não sendo atingidas, pois com o tempo fui mudando bastante de caminho e de ideia. Hoje eu estou mais confortável no meu trabalho, mas sem nenhuma relação com a eletrotécnica.

4.2.9 Trajetória de I.

I. é um homem introvertido, de poucas palavras e sorriso tímido. Na época em que cursou o técnico tinha 16 anos, hoje está com 26. Ao fim do técnico em eletrotécnica, iniciou outro técnico, desta vez em gastronomia e, atualmente, trabalha como cozinheiro de um restaurante.

Família e educação

Ele é filho único e foi criado pelos pais na casa de seus avós maternos; moravam todos juntos, totalizando cinco pessoas. Seus pais prezavam pela escolarização do filho, acreditando que isso proporcionaria um bom emprego para ele no futuro.

Para meus pais era muito importante estudar, diziam que ir bem na escola seria importante para conseguir um bom emprego depois.

A cobrança por notas existia, mas o egresso sabia que a cobrança não era tão alta sendo capaz de tirar notas azuis, então estudava o suficiente para atingir as expectativas dos pais.

Meus pais me cobravam em relação a escola, exigiam notas boas. Eu sempre fui bem na escola, mas era preguiçoso, então fazia o suficiente para tirar nota azul e agradar eles.

Apesar de exigirem boas notas, seus pais não influenciavam nas decisões escolares dele, pois não acompanhavam de forma tão próxima os processos disciplinares.

Não tiveram nenhuma participação na minha decisão, pois eles não acompanhavam tão de perto, eu tinha a minha independência para escolher o que eu queria, desde que estivesse estudando, não importava o quê.

O egresso cursava o ensino médio na unidade Jaraguá, e a escola teve influência na sua “escolha” ao divulgar os cursos técnicos.

A escola divulgava o vestibulinho para os cursos técnicos que ela ofertava, eram quatro na época, mas eu decidi fazer a eletrotécnica por não gostar das outras opções, mal sabia que também não iria gostar da eletrotécnica.

Apesar de não influenciarem na decisão do filho pelo curso, seus pais ficaram felizes pela “escolha”.

Eles ficaram felizes em saber que eu iria fazer um curso técnico, pois eu já estudava na Etec, acho que esperavam que eu fizesse algo do tipo. Mas eu escolhi eletrotécnica porque quis.

Atividades sociais/culturais

O egresso passou a maior parte de sua infância sendo cuidado pelos avós maternos, sendo superprotegido e não tendo muita liberdade para sair.

Durante minha infância e adolescência eu não saía muito, passei a sair depois que comecei a trabalhar, ganhar meu dinheiro. Antigamente vivia a maior parte do tempo com meus avós, primeiro eles cuidando de mim e depois eu cuidando mais deles.

A família passava boa parte do tempo junta, realizavam as refeições e as atividades da casa juntos. O momento que mais se reuniam era durante as noites para assistir a programação da televisão.

Como éramos muitas pessoas numa casa pequena, praticamente tudo era feito em família, a casa estava sempre cheia. Nós tínhamos uma televisão na sala, então pode-se dizer que o programa familiar mais comum era assistir todos juntos de noite, jantávamos e depois assistíamos televisão até a hora de ir dormir, essa rotina era praticamente todos os dias em casa.

Viajar era algo esporádico para a família do egresso, ele e os pais cuidavam dos avós, o que limitava a possibilidade de passar muito tempo fora de casa.

Por causa dos meus avós a gente não viajava muito, tínhamos que cuidar deles e eles não tinham tanta disposição para viajar. Passei a sair mais agora, depois de velho.

Ele tinha hábito de leitura, gostava de ler ficção científica e aventuras. Assistir televisão era uma das principais coisas que ele fazia nas horas livres.

Eu gostava de ler, lia bastante ficção científica e aventuras. Mas sem dúvidas o que mais fazia era assistir televisão, o que mais via era novela e desenho.

“Escolha” do curso

O egresso não tinha conhecimento prévio do curso técnico em eletrotécnica, passou a conhecer por intermédio da escola e professores.

Eu não conhecia a eletrotécnica. Conheci a partir da escola e dos professores que comentaram dos cursos técnicos que a escola oferecia

O que o motivou a escolher a eletrotécnica foi a ideia de estudar algo que julgava incomum, para se diferenciar dos demais.

Eu não tinha uma carreira específica em mente, mas achava importante estudar algo diferente para conseguir um emprego legal e assim poder pagar uma faculdade.

I. não apresenta um motivo pela “escolha” do técnico no Centro Paula Souza, pois já cursava o ensino médio nessa rede, e essa muito provavelmente foi decisão de seus pais. No caso da unidade escolhida foi devido a comodidade dele.

Não sei por que no Centro Paula Souza, não tinha um motivo certo, era mais porque eu já estudava lá, fazia o ensino médio nela, assim não teria que me locomover para outras unidades.

Ele não criou expectativas salariais, pois rapidamente descobriu que não gostaria de trabalhar com eletrotécnica.

Eu não tinha ideia de valores antes de começar o curso, e depois que comecei a estudar e não gostei, sabia que não iria querer trabalhar nunca com isso.

Expectativas profissionais

No decorrer do curso o egresso decidiu que não permaneceria na carreira de eletrotécnico, então não criou expectativas positivas com o curso. Antes mesmo de concluí-lo, já planejava mudar de área e procurar outras formas de trabalho e estudo.

Eu só queria acabar o quanto antes o curso. Queria arrumar um emprego em qualquer outra coisa, para fazer uma faculdade em outra área. Nessa época eu ainda não sabia o que eu queria direito para minha vida.

O curso técnico em eletrotécnica não teve relevância em sua vida, não o ajudou no âmbito profissional nem educacional.

Ele não teve relevância nenhuma para mim. Acabei fazendo um técnico numa outra área, com o trabalho que arrumei também em outra área. Mudei totalmente, nada teve relação com o curso.

Suas expectativas profissionais após dez anos desde a formação técnica ainda estão ocorrendo, e nada tiveram e têm a ver com o técnico.

Minhas expectativas profissionais ainda estão sendo atingidas, mas em nada tem a ver com a eletrotécnica. Depois que fiz a gastronomia consegui um emprego na área que eu queria e que atualmente adoro fazer, mas ainda estou buscando as minhas conquistas profissionais.

4.2.10 Trajetória de J.

J. é um homem de poucas palavras, mas carismático. Hoje está com 27 anos, mas ingressou no técnico com 17. Alguns anos após concluir o técnico, cursou engenharia elétrica, dando prosseguimento aos estudos da eletrotécnica. Atualmente atua como engenheiro eletricitista.

Família e educação

Ele é o filho mais velho de uma família composta pelo pai, mãe e dois irmãos. Moravam em casa própria. Seus pais tinham grande expectativa com a educação e aconselhavam os filhos a fazerem faculdade.

Era obrigação para mim me formar na escola e depois procurar fazer uma faculdade. Para meus pais era obrigatório os filhos fazerem uma graduação, principalmente para minha mãe.

A cobrança por notas e bom comportamento eram pesadas por parte da mãe, ela exigia dele e dos irmãos um bom rendimento escolar.

A cobrança da minha mãe era pesada com a gente, olhava os cadernos e ia nas reuniões da escola. Meu pai era mais tranquilo.

Interessado por temas que envolviam eletricidade, a “escolha” pelo curso partiu do próprio egresso, não havendo participação direta dos pais.

Eu sempre gostei de coisas que envolviam eletricidade, os meus pais incentivaram a correr atrás de algo que eu gostasse, mas a escolha foi minha pelo técnico em eletrotécnica.

A escola não influenciou diretamente na “escolha” do aluno pela modalidade de ensino técnico.

Não houve influência nenhuma da escola, nunca me falaram sobre Etec.

Após decidir cursar eletrotécnica na Etec, o egresso contou para os pais, que ficaram felizes pela intenção do filho.

Eles ficaram felizes quando contei, não sabiam nem o que era, mas ficaram felizes por mim.

Atividades sociais/culturais

O egresso saía pouco quando criança, mas à medida que foi crescendo e tendo mais liberdade, passou a sair e levar os irmãos para algumas atividades.

Até uns anos antes de iniciar o curso técnico eu não saía muito, foi mais ou menos na mesma época do curso que comecei a sair mais, fiquei mais independente. Passei a sair mais, comecei a ir em shows e a levar meus irmãos para os parques.

Sua família não tinha hábito de se reunir e fazer programas juntos, exceto quando um integrante da família fazia aniversário.

Nós não tínhamos uma atividade familiar, a família não tinha essa coisa de se reunir, só quando era aniversário de alguém.

Eles não viajavam muito, mas quando ocorria a família tinha como destino principal a praia.

A gente viajava pouco, mas gostávamos de ir para praia. Eu achava esses passeios importante para família, pois meus pais descansavam e eu aproveitava muito.

Por não dispor do hábito de leitura, o egresso passava a maior parte do tempo livre assistindo programas de humor e esporte na televisão.

Eu nunca gostei muito de ler, então acabava não lendo nada mesmo nessas épocas. Eu assistia mais televisão, gostava de ver “Tv Globinho”, “Globo Esporte” e “Pânico na TV”.

“Escolha” do curso

J. não tinha conhecimentos prévios a respeito do curso técnico em eletrotécnica.

Não conhecia nada, nunca tinha ouvido falar em eletrotécnica.

O egresso conhecia a escola desde sua construção, pois morava bem próximo, então cresceu com a ideia de poder estudar lá, algo que se tornou realidade quando chegou ao ensino médio.

Eu morava perto da escola, então desde que foi construída eu ouvia falar dela e dos cursos, quando estava no ensino médio, pesquisei no site e vi os cursos que tinham lá, vi se eu poderia participar do vestibular etc. Pedi ajuda para minha mãe e ela me inscreveu.

Não houve motivos específicos para a “escolha” do curso técnico do Centro Paula Souza; acabou estudando na Etec Jaraguá pela proximidade.

Eu conhecia a Etec do meu bairro, mas não sabia o que era Centro Paula Souza. Acabei indo estudar lá por já conhecer a escola no dia a dia.

Ele imaginava que o técnico receberia em torno de quatro salários mínimos por mês.

Eu pensava que poderia receber uns quatro salários mínimos da época.

Expectativas profissionais

No decorrer do curso o egresso passou a se interessar mais pela área, desenvolveu a expectativa de trabalhar nela e prosseguir os estudos após conclusão do técnico.

Depois que comecei a cursar eu gostei dessa área, minha expectativa era atuar na área, especificamente em projetos elétricos residenciais, prediais e industriais. Posteriormente, a ideia era entrar na faculdade de engenharia elétrica.

Ele considera que o curso teve relevância na sua vida profissional, pois foi a partir dele que desenvolveu seu gosto pela engenharia elétrica. Os conhecimentos adquiridos acabaram servindo como base na faculdade.

Sim, o curso teve relevância no contexto geral, pois foi a partir dele que eu me interessei pela área elétrica, foi nele que tive contato com coisas que vi posteriormente na faculdade. Só não consegui emprego tão rápido quanto eu imaginava que seria.

As suas expectativas com o curso foram atingidas em partes, pois conseguiu trabalhar na área e cursar engenharia elétrica, porém demorou mais do que o esperado.

Em partes minhas expectativas foram atingidas. Eu demorei muito para conseguir um emprego após o curso, o que fez eu demorar um pouco mais até ter condições de pagar uma faculdade. Mas depois que consegui, consegui fazer tudo, hoje em dia estou correndo atrás para atingir mais objetivos.

4.3 Família e educação

Iniciamos as entrevistas com perguntas a respeito da família, com o propósito de caracterizar as condições familiares dos egressos, desde o nascimento até o momento do ingresso no ensino técnico. Pudemos concluir com as entrevistas que a maior parte do grupo pesquisado foi criado por famílias estruturadas, compostas tradicionalmente por pai, mãe e filhos. Mesmo nos casos em que não havia a presença de um dos genitores, a figura foi ocupada por um familiar próximo, geralmente os avós. Todos tinham moradia fixa, sendo que a maior parte morava em casa própria, e os demais em casas cedidas por familiares. Apesar de todos apresentarem uma baixa renda familiar, não foram relatadas situações de extrema necessidade ou miséria.

Em todas as famílias observou-se um grande apreço pela educação dos filhos. Mesmo que nenhum egresso tenha tido condições materiais de estudar em escolas particulares, seus familiares demonstraram esforços para incentivar os filhos a estudar, com cobranças de bom comportamento e desempenho escolar, o que fica evidente no fato de nenhum egresso ter sido reprovado em qualquer etapa escolar.

Egresso A – Eles achavam que a educação era muito importante. A escola sempre foi a base para eles, sempre me diziam que eu tinha que estudar, senão não seria nada na vida.

Egresso B – Minha mãe tinha expectativas pela minha alfabetização, até porque minha família não tinha pessoas com grandes estudos. Para ela, a escola serviria para me preparar para um futuro emprego e faculdade. Ela sempre me apoiou a estudar qualquer coisa. Não tinha importância o quê. O importante era estudar algo.

Egresso D – Para eles, era muito importante, era uma forma de garantir um futuro. Eu deveria estudar para conseguir um bom trabalho e ganhar bem.

É possível observar nas respostas do grupo, a existência de uma crença na educação como uma garantidora de um futuro próspero. Essa expectativa depositada na educação evidencia a busca das famílias pelo capital cultural institucionalizado. Através da aquisição de conhecimentos específicos, buscam diplomas que poderão ser utilizados estrategicamente para realizar trocas de capitais. Para essas famílias o capital cultural institucionalizado poderá ser trocado futuramente, no mercado de trabalho, por capital econômico, conforme esclarece Bourdieu:

Ao conferir ao capital cultural possuído por determinado agente um reconhecimento institucional, o certificado escolar permite, além disso, a comparação entre os diplomados e, até mesmo, sua "permuta" (substituindo-os uns pelos outros na sucessão); permite também estabelecer taxas de convertibilidade entre o capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar. Produto da conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho – o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido (1999, p. 78).

O estudo era cobrado de uma forma geral, e os familiares demonstravam desejo em ver os filhos formados, mas não foram observadas especificidades nas expectativas dos pais. A preocupação estava mais centrada no fato dos filhos conseguirem um diploma, não tendo muita importância a área de atuação. As respostas evidenciam tal fato demonstrando que a “escolha” pelo ensino técnico em eletrotécnica partiu exclusivamente dos egressos, uma vez que a maior parte dos pais desconhecia a existência do curso:

Egresso C – Eles não participaram da escolha do curso. Eu descobri a eletrotécnica por estudar o ensino médio na Etec Jaraguá. Meus pais nem sabiam que existia esse curso. Me apoiaram quando eu contei, mas a escolha partiu de mim.

Egresso F – Não houve uma interferência deles, eles só queriam que eu estudasse, não importava o que fosse. Quando descobri que tinha uma Etec perto de casa, fui contar para eles, e eles me explicaram o que era. Aí posteriormente fui ver os cursos que tinham lá.

Na busca dos condicionantes que levaram os egressos a optar pelo curso técnico em eletrotécnica na Etec Jaraguá, questionamos se poderia ter havido alguma influência das escolas em que eles realizaram o percurso escolar (ensino fundamental e o ensino médio). As respostas evidenciaram que não houve influência por parte das escolas de ensino regular. Porém, no caso de 3/10 egressos que cursaram o ensino médio em uma escola técnica, ficou evidente que o contato com o curso de eletrotécnica se deu através da divulgação realizada pela própria escola,

o que pode não ter sido um fator determinante, mas uma interferência contributiva para a “escolha” do curso.

Egresso A – A escola não teve nenhuma influência na minha escolha. Nunca falaram sobre cursos técnicos.

Egresso B – A escola não teve nenhuma participação. Não havia nenhuma propaganda de divulgação. Os professores nunca nem mencionaram sobre curso técnico.

Egresso E – Sempre estudei em escola pública e não houve nenhuma influência nem incentivo delas para eu ter decidido fazer o técnico.

4.4 “Escolha” do curso

Ao constatarmos que a “escolha” especificamente pelo curso técnico em eletrotécnica não ocorreu por ingerência familiar nem escolar, passamos a investigar o papel do egresso nessa “escolha”. Buscamos inicialmente descobrir o conhecimento que eles tinham sobre a área técnica antes de iniciarem o curso. Fica evidente, nas respostas, que o desconhecimento era geral, pois assim como seus familiares, eles também desconheciam completamente a área de eletrotécnica antes de realizar algum contato com a Etec Jaraguá:

Egresso B – Eu não conhecia nada sobre curso técnico. Só passei a conhecer depois que me inscrevi para o vestibulinho, aí que fui pesquisar na internet e entendi um pouco mais sobre isso.

Egresso C – Eu não tinha conhecimento do que era curso técnico, mas vi as informações da grade curricular divulgada pela escola e acabei gostando da grade de eletrotécnica, em comparação com os demais cursos ofertados. Posteriormente pesquisei um pouco mais sobre o curso na internet, depois de o ter escolhido.

Essas respostas evidenciam que a maior parte do grupo desconhecia completamente o ensino técnico e buscou, por conta própria, informações sobre essa modalidade de ensino. Podemos supor que esses sujeitos não tiveram condições de conhecer antecipadamente essa modalidade, pois não tiveram uma herança cultural dos pais, devido aos já comprovados baixos níveis culturais familiares.

Mas a pergunta-chave desta pesquisa permanecia ainda sem resposta: o que levou esses indivíduos, que não tinham conhecimentos prévios sobre o ensino técnico, a optarem pelo curso em eletrotécnica? Por isso, perguntamos diretamente aos egressos a razão/motivo pelo qual escolheram esse curso e as respostas revelaram o seguinte:

Egresso B – Eu tinha em mente que só o ensino médio não seria o suficiente para arrumar um bom emprego. Eu tinha expectativas de cursar uma faculdade e esperava

o retorno após o curso para conseguir. Precisava arrumar um emprego, não tinha um segmento específico, o que aparecesse de bom eu aceitaria.

Egresso C – Eu buscava conseguir um estágio ou um trabalho logo após terminar o curso para fazer uma faculdade. Eu esperava aprender sobre instalações elétricas residenciais e prediais, reunindo os conhecimentos prévios para me ajudar posteriormente na faculdade. Meu foco era fazer uma graduação em engenharia civil depois.

Egresso E – Pesquisei sobre escolas técnicas na internet, e fui a que era mais perto de casa. Não gostei dos outros cursos ofertados, então decidi fazer esse. Eu buscava ter uma outra profissão, pois na época trabalhava como costureira e estava infeliz. Meu objetivo era arrumar um emprego na área e fazer uma faculdade posteriormente. Após terminar o curso não adentrei ao mercado, como eu gostaria, mas posteriormente fiz o cursinho pré-vestibular da poli e entrei na faculdade.

A maior parte dos entrevistados demonstraram, em suas respostas, o desejo de acessar a universidade. Portanto, acreditamos que a “escolha” pelo curso técnico ocorreu como um meio, uma estratégia para conseguir se inserir no mercado de trabalho com maior facilidade e, posteriormente, poder financiar os estudos no ensino superior.

Supomos que esses sujeitos veem a entrada no ensino superior como uma promessa da política neoliberal que enfatiza a educação como sendo a panaceia dos problemas da sociedade brasileira. Essa perspectiva tem como objetivo diminuir o papel do estado no atendimento das necessidades básicas dos indivíduos, cerceando as políticas públicas que buscam a diminuição das desigualdades sociais e impondo as responsabilidades sobre os próprios indivíduos.

Nesse sentido, por meio dos dados analisados, observamos que os egressos entraram no curso técnico buscando uma qualificação profissional diferenciada com o intuito de se destacar profissionalmente e poder concorrer a melhores vagas de emprego, o que possibilitaria financiar o ensino superior e acarretaria a ascensão social.

Essas estratégias são uma realidade nos anos finais da educação básica. Ao se aproximar da conclusão do ensino médio, os estudantes encontram o desafio de decidir qual rumo tomar na vida. Tais táticas podem até parecer conscientemente inovadoras, mas elas já vêm sendo planejadas e estruturadas pelo inconsciente dos indivíduos por meio da interiorização de sua configuração social, conforme afirma Bourdieu: “Os psicólogos observam que o nível de aspiração dos indivíduos se determina, em grande parte, em referência às probabilidades (intuitivamente estimadas através dos sucessos ou das derrotas anteriores) de atingir o alvo visado” (2007, p. 49).

A percepção dos sujeitos, mesmo que inconsciente, de que são oriundos de famílias com nível de renda baixo, residentes da periferia da cidade de São Paulo, filhos de pais e mães que exercem atividades manuais, que apresentam pouco ou quase nada de capital cultural e social, colabora com esse impulso de buscar uma rápida inserção no mercado de trabalho e ingresso no ensino superior.

Assim sendo, o ensino técnico é visto como um meio de conseguir uma ascensão maior do que a perspectiva oferecida pelo meio social no qual estão inseridos. Por essa razão, a família e os egressos veem o ensino técnico como um meio transformador, que possibilitará o início da mudança, que se concretizará com o acesso ao ensino superior.

Ficou evidente, nas respostas dos egressos, a percepção de que o acesso à educação superior seria um desafio a ser vencido, corroborando assim os dados da pesquisa Síntese de Indicadores Sociais, lançada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2019), que revelou o quanto o ensino superior ainda é restrito em nosso país, contando com o acesso de apenas 32,7% dos jovens entre 18 e 24 anos concluintes do ensino médio.

A situação fica ainda mais excludente para os jovens que cursaram o ensino médio em escolas públicas – caso dos egressos pesquisados. Segundo os dados apontados pela Síntese de Indicadores Sociais, divulgados pelo IBGE (2018), somente 36% dos alunos que completaram o ensino médio na rede pública ingressaram na faculdade. Para os da rede privada esse percentual mais que dobrou, ficando em 79,2%.

Dessa forma, observamos que, mesmo com as inúmeras reformas políticas aplicadas ao Plano Nacional de Educação desde os anos 1970, ainda hoje os índices apontam para uma grande desigualdade no acesso ao ensino superior. Esse é o reflexo da recorrente instrumentalização do ensino médio pelos anseios liberais, conforme exposto por Celso João Ferreti e Monica Ribeiro da Silva:

Tal disputa é histórica em nosso país, ganhando conotações diferenciadas conforme o contexto social e político em que ocorreu. No entanto, merece destaque o fato de que, desde a década de 1970, ela vem sendo marcada na definição das políticas nacionais que dizem respeito ao ensino médio, pela insistência na sua vinculação aos interesses da economia capitalista, atribuindo a essa etapa da formação de jovens um caráter fortemente instrumental, mais do que de formação humana em sentido amplo (2017, p. 400).

A grande desigualdade e a dificuldade de acesso ao ensino superior levam os menos favorecidos a recorrer a estratégias como, no caso do grupo pesquisado, acessar o ensino técnico

para entrar no mercado de trabalho e assim aumentar as chances de chegar, ao menos, ao ensino superior privado.

Diante do exposto a única forma possível de frear essa desigualdade de acesso ao ensino superior é por meio de uma ampla reforma do ensino médio, tornando-o mais inclusivo e um meio que possibilite verdadeiramente, aos indivíduos, progredir nos estudos e acessar a universidade, independentemente de sua classe social. Porém, essa não parece ser uma realidade próxima, tendo em vista a recente incorporação da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017, à LDB nº 9.394/1996, que estabeleceu o chamado “Novo Ensino Médio” e, dentre as mudanças promovidas, alterou a estrutura do ensino médio e flexibilizou seu currículo, tornando-o ainda mais suscetível às demandas do capital. Segundo Celso João Ferreti e Monica Ribeiro da Silva:

A constatação de que as mudanças propostas [...] foram advindas de pessoas ou entidades com maior aderência ao governo de Michel Temer, que possuem vínculos com outros órgãos de governo ou com o setor privado, evidenciaram uma correlação de forças que privilegiou o atendimento dos interesses desse grupo em detrimento dos demais (2017, p. 396).

Essa reforma do ensino médio, ao atender as necessidades do mercado, dividiu-o em duas etapas: uma parte comum na qual todos os indivíduos deverão cumprir 1.800 horas, que é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e uma segunda parte, na qual deverão cumprir 1.200 horas de itinerários formativos. Estes deverão ser escolhidos pelas escolas, sendo obrigatória a “escolha” de, no mínimo, dois entre cinco itinerários (quatro de áreas de conhecimento – linguagens, matemática, ciências da natureza ou ciências humanas e sociais – e um de formação técnica profissional).

Dentre as inúmeras inconsistências dessa reforma, como o próprio esvaziamento do currículo escolar, essa bipartição deixa claro como será aprofundada ainda mais a desigualdade de acesso à educação, pois as escolas com maiores condições estruturais e econômicas serão capazes de ofertar mais itinerários, enquanto as desprovidas ofertarão somente o básico obrigatório. Consequentemente, os membros das classes populares serão os maiores prejudicados, permanecendo fadados a buscar outras formas de acesso ao ensino superior.

Assim como na década de 1960 – quando a ditadura militar impulsionou a profissionalização compulsória no ensino secundário como uma estratégia para mitigar as tensões e demandas por acesso ao ensino superior – a nova reforma do ensino médio também propõe uma abordagem mais focada em habilidades práticas e formação profissional. A ênfase na educação profissionalizante é evidente na reorganização curricular, com a introdução de

itinerários formativos que permitem aos alunos escolherem áreas de interesse específicas, como linguagens, ciências humanas, ciências da natureza, matemática e formação técnica e profissional.

No entanto, é importante considerar cuidadosamente as implicações dessa reforma. Assim como ocorreu anteriormente, o risco de reforçar desigualdades sociais deve ser avaliado, uma vez que a ênfase excessiva na formação profissional poderia relegar outras dimensões do conhecimento e da formação humana a um papel secundário. Além disso, é necessário garantir que a qualidade da educação não seja comprometida e que os estudantes tenham acesso a oportunidades igualitárias, independentemente da área de enfoque escolhida.

4.5 “Escolha” da instituição

Dando continuidade à investigação buscamos compreender se houve motivos específicos para a “escolha” da instituição de ensino Centro Paula Souza e, até mesmo, da unidade Etec Jaraguá, e constatamos que a maior parte do grupo recorreu a esta instituição devido à gratuidade do ensino e por ser a mais próxima da residência:

Egresso D – Eu escolhi fazer o curso do Centro Paula Souza pela gratuidade, no SENAI era pago. A Etec Jaraguá eu escolhi por ser perto da minha casa, até tinha a unidade Basílicas de Godoy, mas ficava mais longe e a concorrência pelos cursos era bem maior.

O desconhecimento geral a respeito do ensino técnico e a falta de múltiplos motivos para “escolha” da instituição e da unidade corroboram com a ideia de que a opção pelo ensino técnico surgiu em decorrência da necessidade, e não de um grande planejamento. É possível observar que parte do grupo ingressou no técnico por já estar inserido na escola, os demais justificaram a “escolha” pela proximidade do local, ou seja, para além do técnico em eletrotécnica, até mesmo no que diz respeito à unidade “escolhida”, não se tratou de uma “escolha” de fato, embasada em profunda pesquisa sobre instituições escolares, modalidades de ensino, metodologias pedagógicas etc. A inserção desses egressos aparenta-se de forma direta àquela que estivesse mais próxima.

Apesar do grande desconhecimento sobre o curso e a unidade “escolhida”, uma preocupação aparece recorrentemente nas respostas dos egressos: o salário médio de um técnico em Eletrotécnica.

Egresso D – Essa foi uma das minhas pesquisas depois de conhecer o curso e pelo que tinha visto o salário era algo por volta de uns R\$2.500 por mês. Já estava ótimo para mim.

Egresso G – Eu ficava pensando nisso, pesquisei sobre, mas na época não tinha muita informação como hoje. Durante o curso ouvi dizer que seria algo em torno de uns R\$2.500.

Essa preocupação com a remuneração demonstra que parte significativa de suas “escolhas” tinha motivações financeiras, afinal eles buscavam uma forma de financiar o ensino superior. A expectativa do grupo era receber o que consideravam um bom salário, uma média de R\$ 2.500,00 reais mensais. No entanto, observamos que essa não foi a realidade para a maioria dos pesquisados, pois o grupo teve muita dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, após a conclusão do curso. E mesmo hoje, dez anos após a conclusão do técnico, a renda dos egressos não atingiu ainda essa média.

4.6 Expectativas profissionais

Como observamos a principal expectativa do grupo era concluir o curso e conseguir uma rápida inserção no mercado de trabalho. Com isso, eles poderiam ajudar em casa e, principalmente, financiar o desejado ensino superior. Boa parte do grupo descobriu, ao longo do curso, que não gostava da área de eletrotécnica, o que reforça o fato de terem feito essa “escolha” pela necessidade e sem muito conhecimento prévio:

Egresso F – A minha expectativa era acabar logo o curso e conseguir um emprego para ajudar meus pais e, com o restante, pagar uma faculdade em outra área, pois já tinha visto que não seria algo que eu iria querer fazer para sempre.

Egresso H – A minha expectativa era conseguir um emprego na área de eletrotécnica e continuar os estudos, para cursar engenharia elétrica. Não foi exatamente o que ocorreu.

Egresso I – Eu só queria acabar o quanto antes o curso. Queria arrumar um emprego em qualquer outra coisa, para fazer uma faculdade em outra área. Nessa época eu ainda não sabia o que eu queria direito para minha vida.

Apesar de parte do grupo não ter atingido o objetivo após a conclusão do técnico, a maioria atribui a relevância do curso em sua vida:

Egresso B – Teve relevância na minha vida, pois me ajudou a conseguir um serviço. Não foi exatamente como eu imaginava, mas era na área da eletro e foi importante para mim começar.

Egresso D – Eu acho que teve relevância sim, apesar de nunca ter trabalhado na área, eu acabei migrando para mecatrônica e depois acabei indo parar na engenharia civil. Mas o curso foi importante como base para me ajudar nesses outros cursos.

Egresso E – Teve relevância em partes. Nos aspectos de avanço pessoal, me ajudou a desenvolver a comunicação, ser menos introspectiva. Mas não usei nada da parte teórica do curso, nunca consegui entrar na área da eletrotécnica por causa do machismo do mercado, mas me foi útil para o desenvolvimento pessoal e o trabalho em equipe aprendido no curso técnico.

Fazendo um retrospecto da carreira profissional e educacional, dez anos após a conclusão do curso técnico em Eletrotécnica, para a maior parte do grupo o curso não atingiu plenamente as expectativas:

Egresso C – As expectativas que eu tinha após o término do curso não foram atingidas, mas se tudo der certo, assim que eu acabar a faculdade, irei arrumar o emprego que eu desejo.

Egresso E – Hoje em dia, profissionalmente falando, as minhas expectativas profissionais foram atingidas, mas nada tem a ver com o técnico em eletrotécnica. Talvez, mesmo tendo cursado qualquer outra coisa, o resultado teria sido o mesmo.

Egresso G – Eu não atingi as expectativas profissionais, apesar do curso me ajudar até hoje como base na faculdade, mas não consegui arrumar um bom emprego que esperava. Mas agora com a engenharia, minhas expectativas profissionais são maiores.

Egresso J – Em partes minhas expectativas foram atingidas. Eu demorei muito para conseguir um emprego após o curso, o que fez eu demorar um pouco mais até ter condições de pagar uma faculdade. Mas depois que consegui, consegui fazer tudo, hoje em dia estou correndo atrás para atingir mais objetivos.

Com base nas respostas fornecidas pelo grupo, evidencia-se que parte significativa não atingiu plenamente os objetivos que buscavam com o curso técnico. Muitos deles continuam buscando um emprego de qualidade e acesso ao ensino superior. Também observamos que, mesmo após dez anos da formação técnica, a maioria dos egressos exerce atividade manual especializada, não conseguindo superar, em nível de ocupação, a geração de seus pais.

Dessa forma, verificamos que a estratégia adotada pelo grupo analisado não foi completamente efetiva. Cursar o ensino técnico em eletrotécnica não garantiu um amplo acesso à universidade e não gerou a ascensão social esperada. Isso é evidenciado pelo fato de a maior parte dos egressos permanecer buscando esses objetivos, mesmo após uma década desde a conclusão do curso técnico.

As trajetórias revelam que dos dez egressos analisados, quatro permanecem ainda hoje com o nível técnico sendo o grau máximo de escolarização; dois egressos iniciaram recentemente a graduação; e dos quatro egressos que já concluíram o ensino superior, somente um prosseguiu com o estudo na área especificamente da eletrotécnica (engenharia elétrica). Portanto, no que diz respeito ao nível de escolarização, podemos concluir que a maior parte dos

egressos, 8/10, superaram seus pais, porém a maioria não atingiu ainda a expectativa que tinha após a conclusão do curso técnico.

Esses dados revelam a notável dificuldade de acesso enfrentada por esses jovens, pertencentes as camadas populares, em acessar o ensino superior. Utilizando como referência os trabalhos de Bourdieu, compreendemos que a classe média busca prolongar seus estudos como forma de evitar a proletarização e se diferenciar das classes populares, visando melhores oportunidades de emprego e remuneração. Por outro lado, as classes populares são impulsionadas a aspirar ao ensino superior mais pelo valor simbólico do diploma do que pelas reais possibilidades que essa conquista pode proporcionar. O ensino superior se torna um fetiche, pois muitos diplomas estão desvalorizados devido à popularização do acesso, tornando-se menos diferenciados no mercado de trabalho. Esse fenômeno ocorre, em parte, devido à deficiência do ensino oferecido por muitas instituições, influenciada pelas condições precárias de trabalho dos professores e pelas condições desfavoráveis em que os alunos chegam ao ensino superior. No entanto, a falta de qualidade das escolas no ensino básico é apontada como o verdadeiro ponto de partida para o problema da formação e acesso à universidade, tendo consequências negativas tanto no processo produtivo quanto na prestação de serviços (Rodrigues, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo compreender as razões que motivaram jovens oriundos das camadas populares a “escolherem” o curso técnico em eletrotécnica na Etec Jaraguá, e descobrir se após dez anos de formação suas expectativas profissionais foram alcançadas. Utilizando os conceitos propostos por Pierre Bourdieu de capital econômico, cultural, social e as teorias de classificação, desclassificação e reclassificação como referencial teórico, reunimos um grupo de dez egressos do curso em questão, concluintes há dez anos, e realizamos a aplicação de um questionário socioeconômico e uma entrevista estruturada.

As análises dos resultados revelaram parcialmente o que prevíamos na hipótese. De fato, os indivíduos pesquisados, oriundos de camadas populares, almejavam ascensão social através do curso “escolhido”, e suas expectativas eram hegemônicas. Almejavam que a formação técnica lhes garantisse uma rápida inserção no mercado de trabalho, salários dignos da profissão e condições de vida mais confortáveis. Os dados também revelaram que as famílias e a escola não tiveram atuação tão decisiva na “escolha” do curso em questão.

A respeito da “escolha” dos egressos, segundo Bourdieu, podemos afirmar que tanto os indivíduos pesquisados, quanto seus familiares, detinham baixa aquisição de capital econômico, cultural e social, sendo incapazes de realizar uma análise crítica a respeito da modalidade de ensino pretendida, dado o completo desconhecimento deles a respeito do curso “escolhido” (a maior parte dos egressos e de seus familiares desconheciam tanto a Etec Jaraguá quanto o curso, mesmo morando próximo à instituição). Ao analisarmos os dados, observamos que a opção pelo técnico em eletrotécnica ocorreu como uma estratégia de reconversão com deslocamentos transversais, com intuito de buscar uma nova classificação ou reclassificação social, resultante do habitus incorporado por esses indivíduos, característico das classes populares, que a ascensão social pode ocorrer por meio da educação.

Os dados revelaram que todos os indivíduos pesquisados apresentavam o desejo de cursar o ensino superior, e neste sentido a opção de cursar o ensino técnico surge como forma de buscar uma rápida inserção no mercado de trabalho a fim de custear a faculdade desejada, posteriormente. Nesse contexto, a “escolha” pelo curso técnico em eletrotécnica para o grupo pesquisado se apresenta como um meio e não como um fim.

Outra problemática revelada nesta pesquisa é o grande número de indivíduos que, mesmo dez anos após a formação, ainda não atingiram o objetivo de cursar o ensino superior.

E isso pode ser resultante da falta de formação e informação dos pais e do capital social da família, dos amigos e da população do entorno de suas moradias. A consequência desse baixo capital cultural e social foi a formação sem “escolhas”, tendo em vista que a educação básica pública não oferece uma base educacional adequada e que favoreça a possibilidade de construir um ideal de cursos preferenciais, além de mais rentosos financeiramente. Os indivíduos não adquirem conhecimentos necessários e, não tendo acesso à universidade, acabam parando sua formação no curso técnico.

A história da educação profissional brasileira se revela um reflexo da evolução da sociedade, testemunhando, em suas metamorfoses, a dualidade do sistema educacional ora mais inclusivo, preocupado com a preparação dos indivíduos não apenas para as exigências do mercado de trabalho, ora utilizado propositalmente como instrumento de segregação e exclusão de acessos. Essa histórica dicotomia entre as diferentes formas de educação perpetua-se ao longo dos anos, contribuindo para a persistência de desigualdades sociais e econômicas no país.

Esta pesquisa revela que, ainda hoje, enfrentamos o desafio de construir um sistema educacional mais inclusivo, que promova tanto a educação propedêutica quanto o preparo para o mercado de trabalho, garantindo oportunidades iguais para todos os brasileiros, independentemente de sua origem social ou modalidade de ensino pretendida. Somente assim poderemos avançar rumo a uma sociedade mais justa e próspera. Dessa forma, acreditamos que o caminho para uma maior igualdade de acesso ao ensino superior está diretamente relacionado à melhoria substancial da educação básica pública. Somente ela poderá favorecer a entrada e a permanência das classes populares na universidade.

Acreditamos que o atual cenário de reforma do ensino médio, instituído pela lei federal nº13.415, de 2017, vai na contramão do retrospecto histórico, e dos dados que esta pesquisa revela sobre as necessidades da educação brasileira. Essa proposta deve ser revogada, pois não enfatiza o ensino das áreas de humanas, exatas e biológicas de qualidade, sem sonegar informações de conteúdos curriculares em cada uma das áreas. Também não se preocupa em oferecer formação da área de humanas para as áreas de exatas e biológicas, cabendo o inverso para a área de humanas. Todas as áreas devem enfatizar seus objetivos fundamentais de formação, entretanto, não podem faltar com o conjunto completo de disciplinas, das diferentes áreas. Se isto não ocorrer, não possibilitará que se tenha formação plena em cada umas das direções que o jovem optar em cursar. Só assim os jovens das classes populares poderão concorrer de igual para igual com as classes médias e altas nos vestibulares das IES públicas,

ou obter uma boa formação técnica, se este for seu desejo. Caso contrário, marcará um novo capítulo de retrocessos na educação desse país, prejudicando, sobretudo, os membros das classes populares que permanecerão fadados a enfrentar grandes resistências no acesso ao ensino superior público e, conseqüentemente, o aumento na desigualdade de oportunidades. As classes populares não podem ficar com uma única possibilidade de formação profissional – os cursos técnicos. Estes podem e devem ser uma opção, quando desenvolvidos conjuntamente com um bom ensino médio, mas não a porta exclusiva para obtenção de uma profissão.

REFERÊNCIAS

- ALGEBAILLE, E. **Escola pública e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ, Lamparina, 2009.
- ALVES, S. C. A. **Trajetória profissional e projeto de futuro dos alunos das escolas técnicas do Vale do Aço - MG**. 2015. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ARAÚJO, R.; TEODORO, E. G. **Escolhas profissionais de adolescentes em carreiras técnicas no Centro Federal de Educação Tecnológica do Pará**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.
- BASSO, C. **Aspectos pessoais e contextuais favoráveis à permanência de estudantes em cursos técnicos do Pronatec**. 2014. Tese (Doutorado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.
- BASTOS, J. C. Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: um olhar sobre suas trajetórias. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v.6, n.1, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000200004. Acesso em: 04 abr. 2021.
- BOITO, J. A. **Política neoliberal e sindicalismo no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1999.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2013.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma Teoria da Prática. *In: Pierre Bourdieu: sociologia / organizador [da coletânea] Renato Ortiz; São Paulo: Ática, 1983.*
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. 10.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação I Pierre Bourdieu**. Campinas, SP: Papyrus. 1996.
- BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. *In: CATANI, M. A.; CATANI, A. (org). Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Educação Profissional: Referenciais curriculares nacionais da educação profissional de nível técnico.** Brasília, DF, 2000.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Reforma universitária:** Relatório do Grupo de Trabalho criado pelo Decreto no 62.937/68. Brasília: MEC, 3a ed., 1983. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-62937-2-julho-1968-404810-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o Futuro. Educação Profissional em Sintonia com a Realidade Local.** Boletim 08 – maio e junho de 2007. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto07.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2022.

CATANI, A. M. **Vocabulário Bourdieu.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CEETEPS. Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 2017. Disponível em: <<http://www.cps.sp.gov.br>> Acesso em: 14 jul. 2022.

CULHARI, P. P. **Escolha do ensino técnico:** o que revelam as trajetórias de seis ex-alunos concluintes do curso de eletrônica (1984 – 1995) sobre a Escola Técnica Estadual Paulino Botelho. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR, São Carlos, 2010.

CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios artesanais e manufactureiros no Brasil escravocrata.** São Paulo: UNESP, 2000a.

CUNHA, L. A. **O ensino industrial-manufatureiro no Brasil:** origem e desenvolvimento. 2004. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004b.

CUNHA, L. A. O ensino industrial-manufatureiro no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, p. 89–107, maio 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FNsJbnkcM5S5dPpbSgwnPGB/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 10 set. 2022.

CUNHA, L. A. Ensino médio e ensino técnico na América Latina: Brasil, Argentina e Chile. **Cadernos de Pesquisa**, nº 111, p. 47-70, dezembro de 2000d. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n111/n111a03.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

FERRETI, C. J.; SILVA, M. R. DA .. REFORMA DO ENSINO MÉDIO NO CONTEXTO DA MEDIDA PROVISÓRIA N º 746/2016: ESTADO, CURRÍCULO E DISPUTAS POR HEGEMONIA. **Educação & Sociedade**, v. 38, n. 139, p. 385–404, abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/LkC9k3GXWjMW37FTtfSsKTq/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 26 fev. 2023.

GARCIA, S. R. O. O fio da história: a gênese da formação profissional no Brasil. *In: Trabalho e Crítica* – anuário do GT Trabalho e Educação da ANPEd. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

GEREMIA, H. C. **Discursos e contextos:** escolha profissional de estudantes de cursos técnicos do Senai/sc. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

HARVEY, D. **O neoliberalismo:** história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>> Acesso em: 15 jun. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais 2019**. Rio de Janeiro: Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=25875&t=resultados>> Acesso em: 10 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de Indicadores Sociais 2018**. Rio de Janeiro: Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?edicao=23289&t=resultados>. Acesso em: 10 janeiro. 2023.

IMHOF, S.S.; ALMEIDA, M. DE L. P. Políticas neoliberais e educação profissional a partir dos anos 1990. **Educere / XII Congresso Nacional de Educação**. Paraná, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16416_7841.pdf.> Acesso em: 10 ago. 2021.

KRAWCZYK, N. R. VIEIRA, V. L. **A reforma educacional na América Latina:** uma perspectiva histórica – sociológica. São Paulo: Xamã, 2008.

KUENZER, A. Z. Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. **Educação & Sociedade**, Campinas, 2007, v. 28, n. 100, p.

1153-1178. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300024&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2021.

LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARIOTO, A. **As Políticas Neoliberais no Centro Paula Souza: mediação e alienação do trabalho docente**. 2020. Tese (Doutorado em Geologia Regional). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro / SP, 2020.

MEDEIROS L. de L. **As Políticas de Gestão do Centro Paula Souza e a Precarização do Trabalho Docente**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília / SP, 2018.

MONTEIRO, A. A. **Gestão escolar e a incorporação de tecnologias nas escolas técnicas paulistas**. 2011. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

MOTOYAMA, Shozo (org.). **Educação técnica e tecnológica em questão: 25 anos do CEETEPS**. História vivida. São Paulo: Editora da Unesp/CEETEPS, 1995.

NEIVA, K. M. C. **Processos de escolha e orientação profissional**. 2. ed. São Paulo: Vetor, 2013.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA C. M. M. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, M. A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 53, jan./fev./mar./abr. 1998.

RIBEIRO, M. A. Demandas em orientação profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 abr. 2021.

RIZZINI, I. **O cidadão polido e o selvagem bruto: a educação dos meninos desvalidos na Amazônia imperial**. 2004. 453 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal

do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <http://www1.capes.gov.br/teses/pt/2004_dout_ufrj_irma_rizzini.PDF>. Acesso em: 25 set. 2021.

ROMANELLI, O. de O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

RODRIGUES, L. M. de O. Ensino superior privado entrada e permanência: estudantes ProUni e não bolsistas. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, nº 2, p. 350-371, 2015.

SADER, E.; GENTILI, P. G. (Org.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o estado democrático**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SÃO PAULO. Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras. Cidade de São Paulo. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SÃO PAULO (ESTADO). **Decreto-Lei de 6 de outubro de 1969**, que cria, como entidade autárquica, o Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo e dá providências correlatas, 1969. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto.lei/1969/decreto.lei-0-06.10.1969.html> . Acesso em: 10 set. 2022.

SÃO PAULO (ESTADO). Sobre o Centro Paula Souza. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/sobre-o-centro-paula-souza/>. Acesso em: 04 abr. 2021.

SÃO PAULO (ESTADO). PPG – Projeto Plurianual de Gestão da ETEC Jaraguá, 2016.

SÃO PAULO (ESTADO). PPG – Projeto Plurianual de Gestão da ETEC Jaraguá, 2017.

SÃO PAULO (ESTADO). PPG – Projeto Plurianual de Gestão da ETEC Jaraguá, 2019.

SÃO PAULO (ESTADO). PPG – Projeto Plurianual de Gestão da ETEC Jaraguá, 2021.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SERRA, J. Mãos à obra na expansão do ensino público profissional: Governo do Estado realiza o maior investimento da história do Centro Paula Souza. **Revista do Centro Paula Souza**, ano 2, número 6, junho de 2006, p. 9.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional: do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

SOUZA, L. B. (2010). Docência em escola técnica: relações e condições de trabalho. **Revista Estudos do Trabalho**, ano VII, Campinas, UNICAMP. Disponível em: <<https://www.prp.unicamp.br/pibic/congressos/xviiiicongresso/resumos/044704.pdf>> Acesso em: 28 ago. 2022.

SPARTA, M.; GOMES, W. B. Importância atribuída ao ingresso na educação superior por alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 6, n. 2, dez. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000200005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 abr. 2021.

STEFANINI, D. M. **As relações entre educação e trabalho nas trajetórias de alunos de uma escola técnica: uma análise a partir de Bourdieu**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Educação e Ciências Humanas. Pós-graduação em Educação – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos / SP, 2008.

THIOLLENT, M. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TORRES, Michelangelo Marques. **A espada de Dâmocles: interfaces entre o sistema do capital, o processo de trabalho docente e a crise do movimento sindical na nova morfologia da educação técnica**. 2017. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1632844>. Acesso em: 10 set. 2023.

ANEXOS

Anexo I – Questionário aplicado aos ex-alunos

PARTE I

1) Nome:

3) Idade:

2) Telefone: (11) 9

4) E-mail:

5) Cor:

6) Gênero:

7) Estado Civil: **a)** Solteiro(a) () – **b)** Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a) () – **c)** Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a) () – **d)** Viúvo(a) () – **e)** União estável () – **f)** Outros ().

8) Qual a ocupação do Pai atualmente? R:

9) Qual a ocupação da Mãe atualmente? R:

10) Qual a escolaridade do Pai? ()

a) Sem escolaridade.

11) Qual a Escolaridade da Mãe? ()

b) Escolaridade Fundamental I (1^a a 4^a série)

12) Qual a escolaridade dos Avós Paternos? ()

c) Escolaridade Fundamental II (5^a a 8^a série)

13) Qual a escolaridade dos Avós Maternos? ()

d) Ensino Médio

e) Ensino Técnico

f) Ensino Superior

g) Pós-graduação

14) Qual a renda familiar atual em salários mínimos? E quem a compõe? (Base 2022: R\$1.212,00)

a) Até 3 (R\$3.577,20) ()

b) De 4 a 7 (R\$ 4.769,60 a R\$ 8.346,80) ()

c) De 8 a 11 (R\$ 9.539,20 a R\$ 13.116,40) ()

d) De 12 a 15 (R\$ 14.308,80 a R\$17.886) ()

e) Acima de 15 ()

15) Com quantas pessoas você mora? R:

16) Qual a sua profissão atual? R:

17) Qual a sua ocupação atual? Qual o salário atual? R:

18) Qual a sua escolaridade atual? R:

19) Sua escolarização durou quanto:

a) Fundamental I (1ª a 4ª série)

() até 4 anos

() Mais de 4 anos

() Escola Pública () Escola Privada

d) Ensino Técnico

() até 2 anos

() Mais de 2 anos

() Escola Pública () Escola Privada

b) Escolaridade Fundamental II (5ª a 8ª série)

() até 4 anos

() Mais de 4 anos

() Escola Pública () Escola Privada

e) Ensino Superior

() até 4 anos

() Mais de 4 anos

() Escola Pública () Escola Privada

c) Ensino Médio

() até 3 anos

() Mais de 3 anos

() Escola Pública () Escola Privada

f) Pós-graduação

() até 2 anos

() Mais de 4 anos

() Escola Pública () Escola Privada

20) Qual o meio de transporte mais utilizado por você?

a) Transporte coletivo () – **b)** Carro dos pais ou parentes () – **c)** Carro próprio () – **d)** Carona com parentes, amigos e vizinhos () – **e)** Outros ()

21) O que você mais gosta de fazer no seu tempo livre?

a) Ler () – **b)** Ir a shows () – **c)** Ir ao Cinema () – **d)** Ir ao Shopping () – **e)** Praticar Esportes () – **f)** Utilizar Internet () – **g)** Assistir TV () – **h)** Estudar ()

22) Você costuma viajar nacionalmente? Se sim, para quais lugares? R:

23) Já viajou internacionalmente? Se sim, para onde? R:

24) Costuma ir a eventos Culturais/Sociais? a) Sim () – b) Não ()

25) Com que frequência costuma ir aos eventos abaixo:

Cinema: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

Circo: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

Teatro: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

Festas: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

Museu: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

Igreja: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

Evento Musical: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

Evento esportivo: Uma Vez Por Semana () – Uma Vez Por Mês () – Uma Vez Por Ano () – Nunca ()

26) Costuma ir aos eventos acima com quem:

a) Sozinho () – b) com a família () – c) namorado (a) () – d) com amigos ()

27) Você possui estante de livros em casa? R:

28) Qual veículo de comunicação você mais utiliza para se manter informado?

a) Jornal Impresso () – b) Televisão () – c) Rádio () – d) Internet () – e) Outros ().

29) Você domina alguma língua estrangeira? a) Sim () – b) Não ()

30) Em caso positivo na resposta da questão anterior, assinale a(s) língua(s) que você domina e a habilidade correspondente:

Inglês ()

Lê: a) Bem () – b) Razoável ()

Escreve: a) Bem () – b) Razoável ()

Fala: a) Bem () – b) Razoável ()

Espanhol ()

Lê: a) Bem () – b) Razoável ()

Escreve: a) Bem () – b) Razoável ()

Fala: a) Bem () – b) Razoável ()

Francês ()

Lê: a) Bem () – b) Razoável ()

Escreve: a) Bem () – b) Razoável ()

Fala: a) Bem () – b) Razoável ()

Italiano ()

Lê: a) Bem () – b) Razoável ()

Escreve: a) Bem () – b) Razoável ()

Fala: a) Bem () – b) Razoável ()

Outra(s). Especificar. R:

Lê: a) Bem () – b) Razoável ()

Escreve: a) Bem () – b) Razoável ()

Fala: a) Bem () – b) Razoável ()

PARTE II

31) O que você conhecia sobre o curso de Eletrotécnica antes de escolhê-lo? R:

32) Como obteve essa(s) informação(ões) sobre o curso de eletrotécnica? R:

33) Segundo essas informações, o que o curso propiciaria? R:

34) Quais eram as suas expectativas sobre o curso? R:

35) Qual era seu objetivo após concluir o curso? R:

36) O curso atendeu às suas expectativas? R:

37) Estado civil no período em que você optou pelo curso de Eletrotécnica? a) Solteiro(a) () – b) Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a) () – c) Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a) () – d) Viúvo(a) () – e) União estável () – f) Outros ().

38) Qual era a renda familiar antes do curso em salários mínimos? Quem compunha essa renda? (Base 2011: R\$ 545,00)

39) Qual a ocupação do Pai no período em que você optou pelo curso de Eletrotécnica? R:

**40) Qual a ocupação da Mãe no período em que você optou pelo curso de Eletrotécnica?
R:**

41) Qual era a escolaridade do Pai no período em que você optou pelo curso de Eletrotécnica? ()

42) Qual era a Escolaridade da Mãe no período em que você optou pelo curso de Eletrotécnica? ()

- a) Sem escolaridade.
- b) Escolaridade Fundamental I (1ª a 4ª série)
- c) Escolaridade Fundamental II (5ª a 8ª série)
- d) Ensino Médio
- e) Ensino Técnico
- f) Ensino Superior
- g) Pós-graduação

43) Com quantas pessoas você morava no período em que optou pelo curso de Eletrotécnica? R:

44) Você tinha uma ocupação no período em que optou pelo curso de Eletrotécnica? Sim ou Não? Se sim, qual era a ocupação? Qual era o salário? R:

45) Qual era sua escolaridade no período em que optou pelo curso de Eletrotécnica? R:

46) Qual meio de transporte era mais utilizado por você no período em que optou pelo curso de Eletrotécnica? a) Transporte coletivo () – b) Carro dos pais ou parentes () – c) Carro próprio () – d) Carona com parentes, amigos e vizinhos () – e) Outros ().

47) Qual era o veículo de comunicação você mais utilizava para se manter informado no período em que optou pelo curso de Eletrotécnica? a) Jornal Impresso () – b) Televisão () – c) Rádio () – d) Internet () – e) Outros ().

Anexo II – Roteiro de entrevistas

Sobre suas opções de passeios, esportes e lazer

- Quais são as atividades culturais antes de ingressar no técnico (cinema, teatro, museu, parques, shows) que você costuma realizar com mais frequência, cite as três últimas atividades culturais que você realizou? R:

- Praticava esportes antes de ingressar no técnico? R:

- Antes de ingressar no técnico, tinha costume de viajar? Para onde ia e o que mais gostava nas viagens? R:

- Com quem costumava viajar?

- Fale dos tipos de leituras e programas de TV que você mais gosta? R:

- Fale das atividades familiares que você realiza com mais frequência? R:

- Fale da importância dessas atividades? R:

Sobre a sua vida pessoal e escolar

- Com quem você vivia antes de ingressar no curso? R:
- Residia em casa própria ou alugada e em que local? R:
- Durante o seu percurso escolar, você estudou em escola particular ou pública? R:
- Como era a cobrança dos seus pais ou responsáveis em relação às suas notas? R:
- Quais eram as expectativas de seus pais ou responsáveis sobre a escola? R:
- Quais os fatos da sua vida escolar você considera como positivos e negativos? R:
- Qual foi a participação dos seus pais ou responsáveis na escolha pelo curso técnico em eletrotécnica? R:
- Qual foi a reação dos seus pais ou responsáveis sobre a sua escolha pelo curso de eletrotécnica? R:
- Qual é a influência da escola na sua escolha pelo curso de eletrotécnica? R:
- Você fez algum tipo de cursinho pré-vestibular, para o Vestibulinho? Se sim, qual e aonde? R:
- Você fez algum tipo de curso extracurricular como, por exemplo, inglês, dança, futebol, música ou informática? R:

Sobre o curso técnico em eletrotécnica

- Quais eram as informações que você possuía sobre a eletrotécnica antes do vestibular? R:
- Quais foram os seus motivos e razões para a escolha do curso técnico em eletrotécnica? R:
- Por que você escolheu o curso do Centro Paula Souza? R:
- Por que você escolheu o curso na Etec Jaraguá? R:
- A eletrotécnica sempre foi a sua primeira opção de carreira, por quê? R:
- Quais eram as suas expectativas após o término do curso? R:
- Quanto você achava que um técnico em eletrotécnica ganhava no mercado de trabalho? R:

- Quais eram as suas expectativas após a formação? R:
- Qual a sua atividade profissional atualmente? R:
- O curso técnico em eletrotécnica teve relevância na sua vida profissional ao longo desses 10 anos? R:
- Suas expectativas profissionais foram atingidas 10 anos após sua formação em eletrotécnica?
R: